

Lourenço Cazarré

A GUERRA DO LANCHE



Lourenço Cazarré

A GUERRA DO LANCHE

Série Vaga-Lume



Editora Ática, 2002

Este e-book:

Scan e ePub: SCS

Edição e PDF: The flash

Contracapa



Cândido está pronto para ingressar num mundo desconhecido... ou quase pronto!

As aulas do ginásio vão começar e ele nem imagina que o maior perigo que enfrentará na nova escola está entre os próprios alunos: a Gangue do Lanche não perdoa nenhuma merenda, rouba todas. Sem falar das maldades que essa turma adora fazer com os mais novos.

Só há uma saída para Cândido: juntar seus amigos Bolota e Fuzilica e partir para a guerra em defesa do estômago.

Para não morrer de fome

O garoto Cândido nunca imaginou pelo que teria de passar em sua primeira semana no ginásio: o "batizado" no corredor polonês; os trotes dos veteranos, a perseguição do bedel... Mas nada poderia se igualar ao pior dos males: a fome! Tudo porque um bando de marmanjões truculentos cismou de roubar o lanche dos mais novos.

Tentando sobreviver em meio a esse universo hostil, Cândido decide juntar forças com os amigos Fuzilica e Bolota.

Aí a confusão cresce e é declarada a maior guerra de todos os tempos!

Segure firme seu sanduíche e prepare-se para mergulhar em uma história de outros tempos... mas que tem tudo a ver com os dias de hoje.

Conhecendo Lourenço Cazarré

O gaúcho Lourenço Cazarré mora hoje em Brasília, mas muitos de seus textos recuperam as lembranças da infância vivida em Bagé. Este é o caso de *A guerra do lanche*, que fala de seus tempos de escola quando cursava o ginásio em Pelotas.

Lourenço já escreveu quase trinta livros e a metade deles é destinada ao público juvenil. Isso porque, segundo ele, sente-se bem em escrever histórias que gostaria de ter lido quando era jovem.

Autor premiado, Lourenço diz que adora ler e escrever e quando não está fazendo uma dessas duas coisas só existe um lugar para encontrá-lo: a quadra de futebol de salão, seu passatempo predileto.

A guerra do lanche conta a história de uma escola de outro tempo, mas Lourenço tem certeza de que os leitores vão se identificar com ela. Isso porque na essência os adolescentes continuam iguais, e as confusões que aprontam também.



Sumário

PRIMEIRA PARTE

- [1. Calças curtas e muitos pesadelos](#)
- [2. Gordo traseiro de glutão](#)
- [3 Frenética bandeirola vermelha](#)
- [4. Traído pelos verbos](#)
- [5. Chorar só faz ranho](#)
- [6. O verdadeiro bafo da maldade](#)
- [7. Os vários conceitos de estupidez](#)
- [8. Quem seriam os pulhas?](#)
- [9. Primeiro e lamentável recreio](#)
- [10. Incontinência urinária](#)
- [11. Ovos brancos no céu azul](#)
- [12. Torne-se invisível](#)
- [13. Bactérias cáusticas, diarreia e enxaqueca](#)
- [14. O Trote dos Traseiros](#)
- [15. A arte de dormir de olhos abertos](#)
- [16. Honestos na desonestidade](#)
- [17. Esperteza contra brutamontice](#)
- [18. Panacas catando ervas daninhas](#)
- [19. Chuva de chuva](#)
- [20. Nem dor de barriga os comovia](#)
- [21. Perigo no banheiro](#)

SEGUNDA PARTE

- [1. Criatividade é coisa que não se esgota](#)
- [2. O Diabo era apenas uma garota parruda](#)
- [3. Ladrões não confiam em ladrões](#)
- [4. Proibido, vedado e não permitido](#)
- [5. A arte de comer depressa](#)
- [6. Catinga tramoia](#)
- [7. Palito de pressão](#)
- [8. Deu a louca na Primeira Série](#)
- [9. Serenidade da boia garantida](#)
- [10. Para comer a merenda dos outros](#)
- [11. Até água fervendo](#)
- [12. A suave aragem da liberdade](#)
- [13. Pense positivamente](#)
- [14. O medroso que virou herói](#)
- [15. Vá enxugar gelo!](#)

PRIMEIRA PARTE

A SEMANA DO TROTE

1. Calças curtas e muitos pesadelos

Meu primeiro dia de aula no ginásio foi um horror. Começou mal e acabou bem pior. Teve pesadelos na madrugada, pontapés e tapas na chegada à escola, banho frio na hora do recreio e um arrasador ataque de fome no fim da manhã.

Calma, vamos devagar porque a tormenta não se reduziu a um só dia. Arrastou-se por boa parte do ano.

Naquela época, na escola onde eu estudava, durante a primeira semana de aula os alunos mais antigos podiam fazer qualquer brincadeira idiota com os novatos. Sem que fossem punidos por isso. Era a Semana do Trote.

Antigamente, o que a gente conhece hoje como primeiro grau se dividia em duas etapas: primário e ginásio. O curso primário era composto pelas primeiras cinco séries, e o ginásio, pelas quatro seguintes. Portanto, o primeiro grau completo tinha nove séries, enquanto o de hoje tem oito.

Mas nem por isso a gente aprendia mais. Ou menos. A garotada daquele tempo era como a de hoje. Todas as turmas tinham mais ou menos o mesmo percentual de cê-dê-efes e vagabundos, de gênios e burricos, de espertos e zonzos, de participantes e indiferentes.

Na minha estreia como ginásiano, acordei às cinco e meia, morto de sono e cansadíssimo. Mas orgulhoso, porque entrar para o ginásio significava dar adeus às calças curtas da infância.

(Vai aqui uma breve explicação: atualmente, homens, rapazes e meninos usam bermudas e calções. Na minha época, não. Calça curta era exclusividade dos pirralhos do primário.

— Cândido, um rapazinho se diferencia de um fedelho pelo comprimento da calça — explicou-me vovô.)

A noite fora terrível, por causa dos pesadelos: um após o outro, um encaixado no outro, um pior que o outro.

No primeiro pesadelo, me vi chegando à escola sem pasta, livros ou cadernos. Na porta, fui recebido aos berros por um bedel antipático, que me impediu de entrar.

No segundo, corri desesperado os quinze quilômetros da escola até minha casa, onde apanhei a pasta pesada de livros, que havia esquecido. E, trotando, retornei ao colégio. Mas não cheguei lá. Acordei no meio do caminho, suando, sedento.

Levantei, fui à cozinha, bebi um copo de água e tornei a dormir. E a sonhar.

O terceiro pesadelo foi constrangedor. De novo fui barrado pelo mesmo funcionário azedo. Dessa vez porque estava sem o uniforme completo. Eu vestia a camisa branca e o blusão azul, sim, mas estava sem calças, só de cuecas.

Sobressaltado, pulei da cama quando o despertador tocou. Estava com as pernas em pandarecos, cansado da correria noturna.

Fui ao banheiro, molhei os olhos ardidos e, depois, segui para a cozinha, onde tomei o mísero café que meu avô havia preparado.



2. Gordo traseiro de glutão

Por que "mísero café"?

Bem, havia dois meses eu estava morando com meu avô, que tinha anunciado:

— Descobri uma fórmula para reduzir sua circunferência de barriga: refeições frugais e muita caminhada.

Meu lanche matinal, na época, resumia-se a meia xícara de café aguado com uma fatia quase transparente de pão torrado.

Dieta mais caminhadas queimaram, de saída, dez quilos da minha banha, mas, em compensação, eu vivia sonhando com comida: bolos recheados, bifés suculentos e fumegantes panelões de sopa. Sonhava de noite e também de dia.

Até mesmo de olhos abertos, andando pela rua, era vítima de alucinações. Se olhava para um galinheiro, em vez de penosas sonolentas, sabem o que eu via nos poleiros? Dourados frangos assadinhos. Se dava de cara com um porco chafurdando num monte de lixo, logo o imaginava tostado, com uma bela maçã na boca, estendido numa imensa bandeja. E bastava um piscar de olhos para que uma vaca, pastando triste diante dos meus olhos, se transformasse num sangrento churrasco de costela.

Quando morava com meus pais, em outra cidade, eu comia do bom e do melhor, em grandes quantidades. E depois, papo para o ar, estirado num sofá, gastava horas e horas digerindo a boia, como uma jiboia.

Mas vovô era econômico quando se tratava de comida. Dizia:

— Morrem mais ricos por comer muito do que pobres por comer pouco. O mal entra pela boca.

E odiava me ver sentado:

— Mexa-se. Barco parado não ganha frete.

Ficava fulo quando me pegava estendido num sofá:

— Levante esse gordo traseiro de glutão daí e vá fazer qualquer coisa útil: enxugar gelo, desentortar bananas ou encerar baratas.

3. Frenética bandeirola vermelha

Segurando firme a enorme pasta de couro — na verdade, quase uma mala —, saí para a rua e inspirei com gosto o ar fresco da manhã.

Meu avô havia comprado a pasta de um vendedor de remédios aposentado. Assim, além do cheirinho bom de livro novo — a melhor recordação do início de um ano escolar — e de sanduíche, a pasta tinha um ranço adocicado de pílulas e xaropes. Por falar no lanche, devo esclarecer que era um portentoso pedaço de pão com salame, que eu pretendia devorar impiedosamente na hora do recreio.

Por trás de mim, na porta de casa, vovô comentou:

— Que beleza! Suas canelas grossas de gorducho agora estão escondidas pela calça comprida.

— Vô, esse troço pesa pra burro — reclamei, meio inclinado pelo peso descomunal da pasta.

— Seja homem! Você já tem onze anos e meio — retrucou.

— A caminhada até a parada de ônibus tem uns cem metros — lamentei.

— Mas pior é a viagem de ônibus até a cidade. São quarenta minutos de muita poeira e solavancos — disse ele, antes de beijar-me e entrar em casa.

Vovô mentiu para mim. O pior de tudo vinha depois: a distância da parada final do ônibus até a escola era de uns quinhentos metros, que eu tive de vencer a pé.

Saltei do ônibus e fui em frente. Nos trechos em declive, eu embalava a pasta, que me servia de propulsor, puxando-me para a frente. Corria umas dez passadas e freava, antes de me estatelar no chão.

Eu caminhava em meio a uma multidão de rapazes que gritavam saudações de uma calçada para outra, passavam rasteiras nos menores, trocavam sopapos entre si e assoviavam para meninas encabuladas.

Pelo ar mais confiante de alguns, via-se que eram veteranos. Os que vinham calados e desajeitados dentro das calças compridas, como eu, eram os novatos daquele ano.

De repente, atendendo a um sinal invisível, os veteranos se puseram a correr. E a gritar:

— Sebo nas canelas!

— Quem chegar por último é mulher do padre!

Mesmo sem saber o que estava acontecendo, entrei no ritmo. Mas não tinha energia para desperdiçar em berros, como uns garotos que gritavam feito índios de faroeste. Só corria atrás da pasta, puxado por ela.

Já me aproximando da escola, e com meio palmo de língua além dos dentes, percebi que havia alguém diante do portão, soprando sem cessar um apito e acenando uma frenética bandeirola vermelha. Quem era aquele cara? Por que fazia aquilo?



4. Traído pelos verbos

Quem?

O homem chamava-se Generoso Gentil Amado e era o mais odiado bedel da escola.

Por que agitava a bandeira e soprava o apito?

Para apressar os alunos retardatários.

Todo santo dia, exatamente às sete horas e seis minutos — portanto, quatro minutos antes de fechar o portão —, o inspetor de disciplina Generoso Gentil Amado pegava apito e bandeirola, ia até a calçada e se botava a soprar e acenar. Era um anúncio: chegara a hora de passar sebo nas canelas.

Aí, por toda a larga avenida, uma pequena multidão desembestava a correr. Logo a correria se expandia também pelas ruas laterais, que despejavam grupos resfolegantes de garotos e garotas na avenida.

O inspetor Generoso fazia aquilo de bonzinho, para evitar que a gente se atrasasse?

Que nada! Ele gostava de sentir o medo e o desespero se espalhando pelos corações de todos nós. Deliciava-se com a visão de meninos e meninas que tropeçavam nas calçadas e se iam, com pasta e tudo, de fuças ao chão.

Naquela primeira manhã, fui o último a entrar na escola. Já nos últimos degraus, consegui ultrapassar um garoto alto e magro, que fora tomado por um acesso de tosse. O inspetor bateu o portão na cara dele e disse:

— Amanhã, acorde três segundos mais cedo, elemento!

Generoso Gentil Amado era um mulato claro, metro e noventa, ombros caídos, bunda grande, voz de trovão, olhos verdes de gato, carapinha inteiramente branca e os dois caninos superiores de ouro.

A maioria chamava-o de "inspetor Amado", o que era mostra de grande cinismo da garotada, porque, na verdade, todos o detestavam. Outros, também ironicamente, tratavam-no por "seu Generoso", porque era malvado como a peste. Era ainda chamado de "seu Gentil", sempre com segundas intenções.

Fechado o portão, voltou-se para mim e perguntou:

— O indivíduo foi ou não foi o último a adentrar hoje o recinto escolar?

Eu estava botando os bofes pela boca. Depois de ter dado um pique fantástico, com aquela pasta que pesava meia tonelada, eu agonizava em pé. Lutando para arranjar um pouco de ar para os meus esgotados pulmões, respondi da forma mais sintética possível:

— É.

— Oquei, aqui neste renomado estabelecimento escolar temos algumas cerimônias tradicionais — disse ele, os caninos brilhando de malvadeza. — Sempre, no primeiro dia do ano letivo, brindamos o último retardatário com um corredor polonês.

Sorri, intrigado. Eu ainda não sabia o que significavam "retardatário" e "corredor polonês", mas tinha certeza de que "brindar" era um verbo comemorativo, festivo, alegre.

O inspetor Amado fez uma medida e me ordenou que seguisse em frente. Vi então que, diante de mim,

se estendiam duas filas de estudantes, uns vinte de cada lado, todos voltados uns para os outros. Imaginei que formavam uma espécie de guarda de honra para o meu ingresso na escola.

— São veteranos escolhidos a dedo! — comentou o bedel, irônico. — São rapazes e moças que cursarão neste ano a mesma série que frequentaram no ano passado. São repetentes e estão ansiosos por saudá-lo.

Dito isso, o inspetor Amado me empurrou para o corredor humano. Enganado pelos verbos "brindar" e "saudar", avancei despreocupado e confiante.

Minha pasta e eu atravessamos aquele corredor muito rapidamente. Com tapas nas orelhas, croques no cocuruto, bofetes nas bochechas, cotoveladas nas costelas e pontapés no traseiro, os repetentes me impulsionaram velozmente de uma ponta a outra.

Não levei mais que uns três segundos para atravessar o corredor polonês, mas como doeu!

A enorme pasta de couro acabou me ajudando, porque me impulsionou para a frente e me protegeu de meia dúzia de coices.

5. Chorar só faz ranho

Quando saí — felizmente vivo! — do outro lado do corredor polonês, estava pronto para cair no berreiro. Só não chorei porque fui surpreendido por um estrondoso coro de gargalhadas. Eram centenas de garotos e garotas que se divertiam com o meu espancamento. Muitos deles, novatos como eu, logo iriam se arrepender amargamente daquelas risadas.

Havia naquele colégio uma lei, não escrita, que garantia aos veteranos o direito de, ao longo da primeira semana, fazer o que bem quisessem com os calouros, desde que não os matassem.

Eles poderiam submeter os mais novos a todo tipo de maus-tratos, vexames, gozações e brincadeiras idiotas, sem que os inspetores de disciplina se intrometessem.

Como dizia, eu ia chorar, mas desisti. Lembrei do que me recomendava vovô toda vez que me via à beira das lágrimas:

— Chorar não resolve nada, Cândido. Só faz ranho.

Se eu chorasse, meninos e meninas provavelmente ririam ainda mais da minha cara. Assim, com canelas, orelhas, costelas e bunda doendo, fiquei na minha. Fazendo cara de cachorro que lambeu sabão e não gostou.

Não tive condições nem tempo de curtir minha dor, porque em seguida soou a sirena. Um barulho ensurdecedor.

No piso do salão havia marcas de giz indicando o local das turmas. Onde estava escrito Primeira Série — Turma A, formamos duas filas, com os mais altos à frente.

Ficamos todos voltados para a escadaria que levava ao segundo andar, onde funcionavam as salas de aula. De pé num dos degraus, o inspetor Generoso comandou:

— Quarta Série, em frente!

Depois, colocando na boca um apito de prata, deu um silvo curto e penetrante.

Só havia uma Quarta e os caras daquela turma eram uns gozadores. Avançaram fazendo, todos eles, um tipo de palhaçada. Uns se fingiam de mancos, outros de corcundas e dois ou três estampavam semblantes de debilóides.

Antes que caíssemos na risada, ouvimos o vozeirão do inspetor:

— Oquei, elementos, podem bancar os idiotas! Mas sem dizer uma só palavra. E que ninguém ria! O indivíduo que der um pio vai copiar todo o Regimento.



Havia poucas garotas na escola, nenhuma na Quarta Série. Isso porque elas só tinham sido admitidas nos últimos três anos. Naquele tempo eram muito comuns os colégios exclusivos de meninas ou meninos.

Depois do pessoal da Quarta Série, subiram as duas Terceiras. Em seguida, as três Segundas e, por fim, as quatro Primeiras Séries.

Cada turma de Primeira Série tinha quarenta e poucos alunos. Quarenta haviam sido escolhidos num disputado exame de admissão, conhecido como "vestibularzinho". Os "poucos" eram repetentes. Na minha classe, por exemplo, eles eram três. Um mais cretino que o outro, como se verá adiante.

6. O verdadeiro bafo da maldade

Já na primeira aula travamos contato com o mais famoso dos raladores da escola. "Raladores" eram os professores que distribuíam notas baixas a torto e a direito.

Quando entramos, ele já estava em sala, na mesma pose em que o encontraríamos dali para a frente, durante quatro longos anos: de pé, ao lado da mesa, a cabeçorra totalmente calva, caída para o lado esquerdo, um sorriso zombeteiro pendurado na cara vermelhusca e um brilho azul nos olhinhos miúdos.

— Pom tia, senhorres e senhorras. Acapou a princateirra to primárrio. Agorra é fero na poneca!

Diante de nós, com quase dois metros de altura e mais de cento e vinte quilos de dureza, estava o tristemente célebre professor Kurt Schulmeister, que por duas gerações inteiras ensinaria os alunos daquele colégio a odiar a língua portuguesa.

Traduzo para vocês o que ele disse:

"Bom dia, senhores e senhoras. Acabou a brincadeira do primário. Agora é ferro na boneca!"

O homem trocava o b pelo p, o d pelo t, e o v pelo f. Metia dois erres onde havia um só e, em compensação, deixava um só onde havia dois. Plantava ch onde havia j e, para completar, não conseguia pronunciar o ão.

A expressão "Agora é ferro na boneca!" queria dizer mais ou menos o seguinte: "Agora vocês vão ver o que é bom pra tosse".

— Esse alemongas é professor de quê? — sussurrou uma garota perto de mim.

— Português — respondeu outra.

— Inderessante essa confersa. Quer tizerr enton que os chovens chá checam falando na minha aula! — berrou o professor lá na frente.

E veio andando na minha direção, as bochechas pegando fogo, as mãozorras abertas, prontas para estrangular.



Quando ele chegou pertinho da minha carteira, senti o que para mim continua sendo até hoje o verdadeiro bafo da maldade: um bodum de cerveja misturado com naftalina.

O professor Schulmeister tomava sempre, no lanche da manhã, uma cerveja acompanhada de muita linguiça, ovos cozidos e um pão de meio quilo. Essa cerveja diária dava-lhe a bela coloração avermelhada do pescoço e das bochechas.

Justamente quando achei que o professor ia me esganar, ele fez meia-volta. E, de costas para nós, anunciou:

— Muido pem. Famos facer uma retaçon para fer se totos sapem raciocinar ton pem quanto sapem falar!

7. Os vários conceitos de estupidez

Nascido num sítio da zona rural, o professor Schulmeister só havia aprendido português aos dezoito anos, ao entrar para o Exército.

Descendente de imigrantes, que nunca abandonaram a língua alemã, Schulmeister gostava de ordem e disciplina, e amava regulamentos e leis.

Decidiu que iria obedecer, pela vida toda, às regras mais inflexíveis e intrincadas. Assim, optou por ser professor de Português, já que não há nada mais difícil do que cumprir as determinações da gramática da língua portuguesa.

Feitas essas devidas explicações, passo a transcrever corretamente as falas do professor Schulmeister, deixando o sotaque para ser imaginado pelos leitores.

— Essa é uma redação muito interessante — disse ele, enquanto nos entregava uma folha pautada. — Por meio dela, poderei descobrir o grau de atraso de vocês: saberei distinguir os burros, os ignorantes e os perfeitos idiotas.

— Mestre, o senhor poderia me explicar a diferença entre esses vários conceitos de estupidez? — perguntou uma aluna morena, gorduchona, indiática.

A sala toda gelou. Acharmos que o professor iria xingar a menina, que ostentava um sorriso desafiante e canalha. Mas Schulmeister se limitou a soltar uma risadinha debochada, quase um cacarejo. E disse:

— Claro. A senhora, por exemplo, é ignorante, porque não sabe, entre outras coisas, nem o que significa ser "burro". Mas, mesmo que eu lhe ensinasse o sentido implícito na palavra, a senhora não entenderia. Portanto, além de ignorante, é burra. Sendo simultaneamente ignorante e burra, a senhora se enquadra na terceira categoria. É uma perfeita idiota.

Ao fim da explicação, a garota e alguns outros alunos caíram na gargalhada. Riam como loucos. Sapateavam, arriavam-se nas carteiras, davam palmadas nas coxas, relinchavam, fingiam sufocar de tanto riso.

Vendo que o professor não os reprimia, rimos também. De começo, moderadamente. Depois, escandalosamente. Que farra! Schulmeister gostava que rissem das suas piadas. Quanto mais ríssemos, mais feliz ficava. Julgava-se o professor mais irônico da escola.

Finda a gargalhada geral, acabou de distribuir as folhas para a redação.

Nunca, nos cinquenta anos de magistério do professor Kurt Schulmeister, alguém passou da nota seis nessa redação inicial. Quem alcançou essa pontuação fantástica foi um aluno fora de série, que hoje é projetista de naves espaciais.

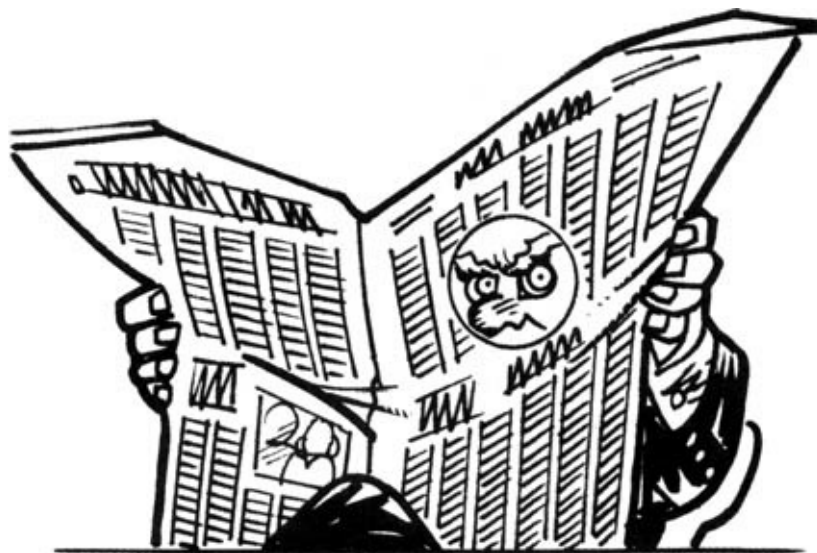
8. Quem seriam os pulhas?

Distribuídas as folhas, Schulmeister voltou à mesa, puxou a cadeira, sentou e abriu um jornal.

Era um exemplar do nosso muito conhecido Correio Popular, mas com uma peculiaridade: bem no centro dele, o professor havia recortado um círculo de uns dez centímetros de diâmetro.

— Através desse furo, de vez em quando espionarei os senhores. Quem olhar para o lado vai se arrepender amargamente!

Dali em diante, nos dias de prova ou redação, sempre nos defrontaríamos com o jornal esburacado. E, por trás do furo, com os olhinhos azuis desconfiados.



Fiz uma longa redação. Caprichei. Quando botei o ponto final, ouviu-se a sineta anunciando o recreio. Fui o último a entregar o trabalho.

Ao depositar a folha em cima das outras, minha barriga roncou espetacularmente, como um leão furioso.

— Que barulheira é essa? — perguntou Schulmeister.

— É o meu estômago, professor. Estou sem comer desde as cinco e meia da manhã — respondi, envergonhado, ainda diante da mesa dele. O ronco havia sido escutado também por umas meninas da primeira fila, que se puseram de risinhos.

Eram nove e cinquenta. Quatro horas e vinte minutos sem mastigar nada! E o meu café havia sido fraco. Mãos trêmulas de fome, abri a pasta. Eu já salivava, ante- gozando a felicidade de cravar os dentes no pão macio.

Mas o lanche não estava na repartição de trás. Certamente, sem perceber, eu o havia trocado de lugar. Procurei entre os livros. Nada! Como a pasta tinha várias divisões, percorri-as todas, o nervosismo crescendo. Notei que o professor me observava, risonho.

Epa! Teria eu esquecido o sanduíche em cima da mesa, em casa? Que nada! Lembrava claramente de tê-lo guardado na repartição de trás, sozinho. Um belo naco de pão sovado, fofo e cheiroso, com uma grossa e olorosa fatia de salame no meio.

Revistei a pasta mais uma vez. Devagar, procurando em todos os cantinhos. Nada!

Respirei fundo. Um suor frio molhava minha testa. Um tremor crescente me sacudia pernas e mãos, a ossamenta toda.

Como lembrava perfeitamente de ter colocado o lanche dentro da pasta, só me restava concluir que ele havia sido roubado no colégio.

Levantei os olhos. A sala estava vazia. Só restava o professor Schulmeister, que, de pé, com a cabeça roçando no alto da porta, me olhava, divertido:

— Está procurando a merenda, moço? Provavelmente ela lhe foi roubada. Temos nesta sala uns pulhas que logo o senhor terá o azar de conhecer. Se usassem para estudar metade do tempo que gastam bolando safadezas, seriam aprovados com mérito.

Fez meia-volta e se foi.

Fiquei ainda um bom tempo ajoelhado diante da pasta, tratando de meus fluidos corpóreos: secando o suor da testa, limpando as lágrimas e engolindo a saliva da fome.

Não consegui dominar três ou quatro soluços, que me escaparam da barreira dos dentes cerrados.

Solucei porque estava com fome e com raiva. Muita raiva. Ódio. Quem teria roubado o meu lanche? Quem seriam os pulhas a que se referira o professor? O que significava a palavra "pulha"?

Por fim, levantei. Mas não devia. Teria sido melhor se ficasse sentado em sala. Vagaroso e triste, caminhei para a escada.

9. Primeiro e lamentável recreio

A gente passava o recreio no amplo salão, onde formávamos as filas, ou no pátio.

No salão reinava sempre a maior zoeira. Garotos menores, gritando como loucos, corriam de um lado para o outro. E, a todo momento, aterrissavam na tijoleta fria e dura, pois o passatempo preferido dos veteranos era dar rasteiras neles.

Fui para o pátio, que na verdade era um espaçoso e belo jardim. Havia inúmeros canteiros floridos, separados por calçadas de cimento, e algumas árvores baixas. De longe em longe, bancos de madeira. Por cima de tudo isso, o canto dos passarinhos e o azul do céu.

Os alunos mais tranquilos passavam o recreio ali. Em duplas ou trios, passeavam pelas calçadas, filosofando ou fofocando. Alguns se acomodavam nos bancos para ler ou acabar deveres de casa. Muitas garotas gastavam os minutos de descanso lendo fotonovelas.

Ao chegar, percebi um ajuntamento. Fui até lá, decidido a puxar conversa com alguém. Conversando, esqueceria a fome.

O grupo estava reunido ao redor de um pequeno lago, muito raso, no qual nadavam peixinhos vermelhos. A lâmina de água era de uns vinte centímetros. O fundo, de azulejos azuis, estava levemente esverdeado pelo musgo.

— Eles estão brincando de esconde-esconde — disse uma menina, apontando para os peixinhos que nadavam entre as pedras depositadas no centro do lago.

— Não. Estão brincando de pique-e-pegas — retruquei.

Eu estava ansioso por conversar. Queria esquecer a fome e os pontapés. Mas a menina não continuou o assunto.

Isolado, sem pensar em nada, fiquei lá, apenas olhando os peixes. De repente, aproveitando meu desligamento, alguém me empurrou para dentro do lagoinho.

Quando vi, estava com um pé dentro da água. E esse pé deslizava no limo do fundo. Girei como um pião e acabei caindo de bunda em cima das pedras do meio do lago. Doeu uma barbaridade, mas, felizmente, escapei de molhar o traseiro. Fiquei sentado, os dois pés na água.

— Tudo tem seu lado positivo — costumava dizer meu avô. — Até mesmo as piores catástrofes.

Estava eu, pela terceira vez naquela manhã, me preparando para chorar, quando ouvi um silvo ensurdecedor. E logo dedos de aço agarraram minha orelha e eu fui literalmente guindasteado de dentro da água.

Era o inspetor Gentil.

— Que pensa da vida o elemento? Que isso aqui é uma escola de natação? Ou um curso de mergulho?



Depois de me pôr no chão, o bedel ameaçou:

— O indivíduo já me aprontou duas artes hoje. Foi o último aluno a entrar na escola e o primeiro a cair no laguinho. Na próxima, lhe darei um trabalho de copista!

Eu estava zozzo — envergonhado e furioso — demais para encarar o inspetor. Quando ele se afastou, percebi que me deixara bem no meio de um círculo de garotos que riam desbragadamente da minha cara.

Sentia-me desesperado. E sufocado, porque os rapazes — numerosos e todos muito mais altos do que eu — formavam uma parede, gargalhante e hostil, em volta de mim.

Empurrei um deles e saí do meio da roda.

Imitando voz fina de menina, o cara que empurrei disse:

— Menino mau!

— É. Queria esmigalhar com o pé o pobre do peixinho — acrescentou outro.

— Garanto que ele está com fome, queria papar o bichinho — completou um terceiro.

Afastei-me dali caminhando, tentando aparentar uma tranquilidade que não sentia. Ia de olhos baixos, não queria de modo algum encarar as meninas que estavam por perto. Na verdade, minha vontade era correr até o banheiro, me esconder numa retrete e chorar.

Por trás de mim, os caras continuavam gozando da minha cara:

— Mamãe má não mandou lanche para o mimosinho.

— O nenezinho fez pipi na fralda.

Pensei em chutar as canelas de dois ou três daqueles marmanjos, mas o mais provável é que eles me dessem meia dúzia de pescoções.

E se eu jogasse um punhado da terra preta do canteiro na cara de um deles?

Um ronco do estômago me lembrou que a dor mais funda daquele momento era a da fome, e não a da humilhação. Desisti de me vingar.

Então soou o sinal anunciando o final do meu primeiro e mais lamentável recreio naquela escola.

10. Incontinência urinária

Com os sapatos molhados fazendo ploqueteploque e as barras da calça nova escorrendo água, me dirigi ao salão.

Cinco ou seis garotos me seguiam, gritando em coro:

— Mijão, mijão, mijão!

Como os alunos mais altos ficavam à frente, e eu era um pitoquinho de menos de metro e meio, de novo entrei na rabeira da minha turma.

Depois que o bedel deu o primeiro apito e os calhordas da Quarta Série começaram a subir a escadaria, fazendo as mesmas palhaçadas do começo da manhã, alguém me cutucou o ombro por trás. Ouvi um sopro de voz:

— Sei quem roubou seu lanche. Depois conto quem foi.

Em seguida essa voz se calou, pois o olhar do inspetor Generoso, que percorria rápida e atentamente todas as filas, já se voltava para o nosso lado.

Apesar das passadas dos que avançavam em direção às salas de aula, o ouvido afiadíssimo do bedel detectava qualquer conversa.

Pernas bambas, subi pensando no malvado que me havia roubado o lanche. Quem seria? Meu estômago roncava. Sapatos, meias e calça molhada me incomodavam.

Em sala, pude ver o garoto que tinha falado comigo. Era ainda mais baixo que eu, branquelo e gorduchíssimo. Usava uns óculos de lentes grossas que a todo momento lhe escorriam pelo nariz delicado, mas que ele empurrava de volta para cima com um só movimento automático do polegar.

Seus cabelos eram negros, finos e lisos. Tinha um imenso topete que, de segundo em segundo, jogava para trás com um gesto de cabeça. E, em seguida, arranjava os óculos.

Fiz menção de falar quando ele sentou, mas o menino me mandou calar, colocando um dedo sobre os lábios. E soprou:

— Na hora da saída.

— CALUDA! — um berro estremeceu a sala.

O grito fora dado pelo homem que estava por trás da mesa. Era o professor de Matemática, que disputava, taco a taco, com Schulmeister o título de maior durão da escola.

Diziam os veteranos que um aluno só podia se considerar realmente azarado quando pegava pela proa, num mesmo ano, Schulmeister e Candeias. Era o nosso caso.

— Sem relinchos, damas e cavalheiros. Aqui, todos devem permanecer com as mandíbulas travadas. E pestanejando o mínimo possível, para não fazer barulho.

A sala mergulhou no silêncio. O homem permaneceu um tempão nos observando. Seus implacáveis olhos negros foram de um em um, avaliando-nos.

Era de estatura média, magriço. A cara chupada parecia forjada em madeira dura. Seu cabelo cinzento era cortado como o de um recruta, rapado dos lados, curto em cima. Na ponta do queixo, ostentava uma rala barbicha cinzenta.

De repente, pela primeira vez na vida, escutei o que chamam de silêncio total e absoluto. Nenhum

som, nada. Silêncio que só foi desfeito quando uma mosca começou a fazer malabarismos diante do quadro-negro.

Só depois que a mosca se foi, pela janela aberta, o professor voltou a falar:

— Sou o professor Candeias. Candeias são focos de luz. Portanto, vou iluminar o caminhar de vocês pela estrada do saber. Tentarei ensiná-los a raciocinar com clareza e precisão. Raciocinar é um esporte que, ao longo da história da humanidade, nunca esteve na moda.

Dito isso, o professor riu um bocado. Ria para dentro, silenciosamente, sufocando o riso. Sacudia-se apenas.

Alguns alunos também acharam que tinham direito a uma risadinha, como ocorrera com Schulmeister. Mas não tinham, pois, quando se ouviu o primeiro riso tímido de aluno, Candeias deu um formidável murro na mesa:

— CALUDA! Neste palco só o palhaço pode rir! E o palhaço sou eu!

Candeias e Schulmeister eram adversários havia muitos anos. Tudo o que um permitia e incentivava, o outro reprimia. Risadas, por exemplo. Schulmeister deliciava-se quando os alunos riam das piadas que fazia. Candeias odiava.

— Antes de iniciarmos este ano letivo, quero anunciar que sou rigoroso para com os tolos, os desligados, os preguiçosos e os desprovidos de inteligência. Sou tão impiedoso que me chamam de "O Maldito Mestre de *Matamática*". Mas a verdade é que a Matemática não tem mistério. Um macaco bem treinado pode resolver problemas de regra de três, desde que decore a fórmula. Mas o chamado "animal racional", o homem, não sabe sequer decorar, quanto mais pensar. Se os homens raciocinassem, teríamos guerras?

Como ninguém era louco de responder, Candeias voltou-se para o quadro e nele escreveu um problema.

— Se a pessoa que eu chamar não solucionar este probleminha, serei forçado a mandá-la copiar, depois, cem vezes as contas certas. Esse é o método Meluacorep, o melhor para enfiar qualquer coisa na cachola de um estúpido. É o Método Lusitano de Aprendizado por Cópia Repetitiva.

"Garanto que vai sobrar para mim", pensei. Era só o que me faltava para completar a manhã. Afinal, depois dos pesadelos da madrugada, da pancadaria no corredor polonês e do furto do lanche, eu já tinha até caído no laguinho.

— Cândido — chamou o professor de Matemática.

Levantei e me arrastei tremebundo até o quadro.

Peguei o giz, suspirei fundo e me preparei para enfrentar o problema. Mas Candeias me interrompeu:

— O senhor, por acaso, sofre de incontinência urinária?

— O que é isso, professor? — perguntei, nervoso. Nunca tinha ouvido aquela expressão. Pensei que fosse alguma coisa ligada a números primos ou raiz quadrada.

— Perguntei se o senhor costuma fazer xixi nas calças, como vejo que aconteceu hoje — disse, apontando para as marcas dos meus sapatos molhados no assoalho.

Não pude responder. A classe explodiu numa ululante gargalhada. Uma garota chegou a cair da carteira, segurando a barriga e a saia, de tanto que ria. Mas a algazarra durou menos de dois segundos, pois Candeias lascou um murro ainda mais devastador na mesa.

— CALUDA!

Os alunos voltaram a um silêncio profundo, entrecortado por suspiros, bufidos e chiados dos que tentavam engolir as risadinhas bestas. De cabeça baixa, eu examinava cuidadosamente o assoalho, procurando uma brecha por onde pudesse me enfiar para chegar aos quintos do inferno.

Mas não havia brecha nenhuma.

Tinha, isso sim, manchas de água. E, debaixo da minha carteira, uma pequena poça que lembrava xixi.



Lembrei, então, de uma das frases preferidas de vovô: — O pão cai sempre com a manteiga para baixo. Num dia de tanto azar, o lógico seria que eu me arrebentasse também com o Candeias. Mas isso, felizmente, não se deu: acertei o problema da lousa.

Depois de mim, vários foram chamados e, todos, fracassaram com os problemas que o professor apresentava. No fim, só o menino dos óculos de fundo de garrafa, que me havia falado na fila, escapou do castigo: copiar cem vezes a solução do problema.

11. Ovos brancos no céu azul

Ao meio-dia, morrendo de fome, deixei a sala. A pasta, pesando já duas toneladas, arrastou-me escada abaixo. Na rua, o gordinho de óculos se aproximou de mim:

— Vamos para a outra calçada. Lá eu falo do seu lanche — disse, voz baixa, olhando nervoso para todos os lados.

Atravessamos a rua.

— Quem roubou foi a Japonesa, aquela que fez a pergunta idiota para o professor de Português. Enquanto você escrevia a redação, ela puxou sua pasta com o pé. Aí, disfarçando, pegou o sanduíche e passou para a mochila dela. Só eu vi. Não vá dizer a ela que fui eu quem lhe contou.

— Obrigado. Amanhã vou me cuidar.

— Ah, tem mais uma coisa — disse o gorducho. — Foi o Cavalo quem empurrou você para dentro do laguinho.

— Cavalo?

— É o apelido dele. É outro repetente da nossa classe, um alto que tem uma cabeça fininha e um narigão.

Despedi-me do garoto e olhei desanimado para a ladeira que deveria escalar. Andei quatro passos até ouvir um gemido surdo. Voltei-me. O gordinho estava com a mão na cabeça.

— Que foi? — perguntei.

— Um ovo! Me acertaram na nuca.

Levantei os olhos e vi vários ovos brancos cortando o céu azul. Veteranos, escondidos por trás das árvores do canteiro central da avenida, faziam chover ovos sobre novatos e novatas. As meninas, por causa dos cabelos longos, eram os alvos preferenciais.

— Tá doendo? — perguntei, ao mesmo tempo em que desviava de um ovo, que explodiu na calçada.

— Doer, dói. Mas podia ser pior.

— É. Podia ser uma pedra — comentei.

— Ou um ovo podre — disse ele.

Olhando para o céu, e desviando dos projéteis, entramos num bar. Diante da pia, alguns alunos esperavam sua vez de lavar a cabeça. O caso mais grave era de uma garota, dona de uma belíssima cabeleira encacheada, que havia atraído três ovos certos. Dos cachos pingavam gosmas douradas.

Deixei o gorducho na fila e saí. Fazia um calor dos infernos. Pulando, agachando e desviando, consegui escapar de várias ovadas. Correndo, escapei da zona de guerra.

Acabei chegando em casa depois da uma da tarde. Vovô me recebeu de pedras na mão:

— O que houve, garoto do Diabo? Ficou de castigo já no primeiro dia de aula?

Espancado, roubado e molhado na escola. E, ainda por cima, xingado em casa!

Fiquei buzina com o velho, mas não retruquei. Estava simplesmente morrendo de fome. Durante a

viagem de ônibus havia sonhado com monumentais bifes à milanesa, montanhas de arroz e feijão e deliciosas sobremesas.

Roçando as paredes, dirigi-me à cozinha, onde sofri gorda decepção. Deparei-me com um prato modestíssimo, formado por duas finas rodela de tomate, uma colherada de arroz e um bife minúsculo. Ah, e uma folha de alface!

Decidi não contar ao vovô que havia sido roubado. Achei que seria apenas mais um motivo para ele me xingar.

12. Torne-se invisível

Depois de um rapidíssimo almoço — engoli tudo em três garfadas —, pensei em tirar uma bela soneca para recuperar as energias perdidas na manhã, mas o velho não me deixou dormir:

— Se você dorme agora, perde o sono à noite. E, aí, dorme pouco. Então, amanhã o processo se repete: você fica com sono durante o dia. Por isso, hoje, em vez de tirar uma soneca, você vai repassar tudo o que estudou de manhã na escola.

Assim, gastei aquela tarde na mesa da sala, dormindo sentado diante dos livros. De quando em quando — ao bater com a testa na mesa —, acordava.

Entre uma pestana e outra, eu me lembrava dos murros e pontapés com que havia sido recebido na escola, do sumiço do meu lanche, do tombo no lagunho e da chuva de ovos.

— Só tem professor durão lá! — deixei escapar num momento em que meu avô passava pela sala.

— Durões, como assim? Deram reguadas na sua cabeça? Mandaram você ajoelhar sobre grãos de milho? Enfiaram orelhas de burro em você? Usaram palmatórias? — perguntou o velho.

— Não!

— Pois no meu tempo tinha tudo isso. E uns cascudos de vez em quando.

— Os professores são todos antipáticos — insisti.

— Vou contar a você o que me aconteceu, sessenta anos atrás, quando entrei para o colégio — disse o velho, sentando-se diante de mim. — No primeiro dia, um professor muito simpático perguntou quem tinha em casa um pé de goiabeira. Exibido, levantei o braço mais ligeiro que os outros. Aí ele me disse: "Traga um galho bem flexível amanhã". No dia seguinte, quando cheguei com a bela vara de goiabeira, o professor disse: "Agora vamos experimentá-la, para ver se é da boa. Vire-se de costas".

Aí me deu umas boas chicotadas na bunda. Foi uma grande lição que aprendi.

— Que lição idiota foi essa? — eu quis saber.

— Que nunca se levanta o braço quando um professor faz uma pergunta. A partir daquele dia, tornei-me invisível em sala de aula. Faça o mesmo. Torne-se invisível e seus problemas serão menores.

E com este conselho furado de vovô acabam-se as minhas lembranças do primeiro dia de aula. Que dia!



13. Bactérias cáusticas, diarreia e enxaqueca

Após dez horas de um sono profundo, sem pesadelos, acordei inteiríssimo para o segundo dia de aula.

Naquela terça-feira, nossa turma foi dividida em quatro grupos, encaminhados a diferentes oficinas. Com dez outros colegas, segui para a oficina de encadernação.

Quem ficou sem merenda naquele dia foi o gorduchinho de óculos com lentes grossas com quem eu conversara no dia anterior. Seu nome era Sérgio Machado, mas todos o chamavam de Bolota.

— Era uma imensa e grossíssima fatia de bolo de chocolate, recheado com frutas cristalizadas e nozes e coberto por uma espessa camada de glacê — descreveu Bolota, boca cheia d'água, quando saíamos para o recreio.

Ele fazia caretas e gestos para tentar me explicar o formato, a consistência, o aroma e, se possível, o sabor do naco de bolo perdido. Via-se que ele apreciava um lanche caprichado e sofria muito por ter sido roubado.

Eu compreendia o drama dele porque ainda estava bem nítida na minha memória a fome do dia anterior. Ao escutar a ronqueira do estômago vazio do Bolota, fiquei comovido:

— Tome uma ponta do meu sanduíche — falei, entregando-lhe um pedaço de pão com queijo.

Saímos para o pátio.

— Quem será o gatuno de hoje? — perguntei.

— Como a Japonesona não está na oficina de encadernação, deve haver outro ladrão na nossa turma — comentou Bolota.

De repente, ao lado dum limoeiro, três veteranos grandalhões da Terceira Série nos cercaram.

— Ou passam o lanche para cá, ou recebem uns tabefes — advertiu o maiorzão deles. — Isso faz parte do trote: calouros têm que alimentar os mais antigos.

Bolota, rápido, enfiou na boca toda a ponta de sanduíche. E, com as mãos protegendo os lábios, tratou de mastigar furiosamente. Estava assustado, mas seu apego à comida era maior do que o temor de receber uns catiripapos.

Os larápios ficaram surpresos por uns segundos, tempo suficiente para que Bolota engolisse o pão. Então, um deles dirigiu-se a mim:

— Se você também bancar o espertinho, nós quebramos sua cara! Passe o sanduíche!



Num instante, meu cérebro deu voltas e voltas. Lembrei-me do dia anterior. Da humilhação no corredor polonês. Do desconforto da calça molhada. Dos ovos voadores. E principalmente das vertigens da fome. Nessa fração de segundo, eu me perguntava: "O que será pior, entregar o pão ou levar um murro?"

Lentamente, fui trazendo para a frente a mão, escondida atrás. Os olhos dos veteranos brilharam cobiçosos

A cabeça de um sujeito encurralado pensa depressa. Bolei uma saída intermediária:

— Está bem — eu disse. — Dou o pão, mas não o queijo, porque pode fazer mal para o estômago de vocês. É queijo fermentado com bactérias cáusticas, que causam diarreia e enxaqueca em quem não está acostumado a comê-lo.

Dito isso, rapidamente retirei o queijo e enfiei-o na boca escancarada. E entreguei o pão.

Os ladrões saíram dali gritando como índios de Hollywood, comemorando o saque.

— Bactérias cáusticas? Que bicho é esse? — perguntou, alarmado, Bolota, levando as mãos ao pescoço. Parecia prestes a se desfazer do lanche que eu lhe havia dado.

— Calma! Eu inventei esse negócio de bactérias — respondi, ainda mastigando. — Foi um jeito de comer pelo menos o queijo.

— Ah! — suspirou Bolota, aliviado. — Meu estômago quase saiu pela boca.

Pouco adiante, os caras que nos haviam assaltado jogaram o pão numa cesta de lixo, sem dar nele uma só dentada. Por causa das tais bactérias cáusticas.

14. O Trote dos Traseiros

De repente, ouvimos um coro de gargalhadas ferozes. Vinha do espelho d'água, onde eu havia caído. Fomos até lá.

Um bando de garotos cercava uma menininha, que distribuía pontapés a torto e a direito. Rindo, eles se esquivavam dos coices dela. Mesmo que fossem acertados não sofreriam nenhum dano, porque ela era baixa e magricela, superfranzina. Menos sortuda que eu, ela caíra sentada dentro d'água molhando o traseiro.



Quando algumas meninas, indignadas, correram até lá para defender a miúda, os marmanjos bateram em retirada.

Aí elas chamaram o inspetor Generoso, que perguntou:

— Qualé o parangolé, mademoiselles?

— Os meninos jogaram uma garota dentro do laguinho — disse a mais brava.

— E daí?

— Daí que o senhor vai ter de punir os que empurraram ela! — indignou-se a garota.

— Punir? Calma, estamos na Semana do Trote.

— Trote é coisa de meninos idiotas. Ela é garota e pequena, deveria ser respeitada!

— Ouça bem, mademoiselle. Centenas de meninos vêm caindo dentro desse lago há muitos anos. E nenhum deles, que eu saiba, afogou-se. Veja bem: mesmo os que não sabiam nadar escaparam vivos. Espero que as garotas façam o mesmo — disse o bedel, e, deixando-as entregues a um ataque de indignação, retirou-se.

Serenada a confusão, Bolota aproximou-se da garota, que, aliás, era da nossa turma de encadernação:

— Empurraram você?

— Não! — respondeu a magriça de maus modos. — Mergulhei de bunda por gosto!

No momento em que ela dava essa resposta mal-educada, soou o fim do recreio. Lado a lado, nos encaminhamos os três ao salão.

A garota se chamava Ítala Scarpelli, mas era conhecida como Fuzilica, apelido que trazia do colégio de freiras onde cursara o Primário. Nervosinha, ela agitava-se o tempo todo na carteira. Sardenta, olhos verdes e nariz arrebitado, era a mais bonita da turma.

Na oficina, sentei-me ao lado dela. Pensando em consolá-la, contei que no dia anterior também havia sido empurrado para dentro do laguinho.

— É — disse ela. — Mas eu caí sentada.

— Mas não fiquei só no tombo. Também me roubaram a merenda — acrescentei.

— Então você teve mais sorte do que eu — retrucou Fuzilica. — Fiquei a ver navios ontem e hoje: me roubaram os dois lanches. Mas não vão me roubar mais. Vou acabar com essa quadrilha!

— Quadrilha? — espantei-me.

— Isso mesmo. Aliás, acho que deveríamos formar um esquadrão para enfrentá-los. Você não quer ser meu aliado?

Eu não era garoto dos mais corajosos, nem gostava de me meter em rolos. Se havia mesmo uma quadrilha de gatunos, como dizia Fuzilica, melhor seria tomar cuidado.

— Vou pensar no assunto — desconversei.

Na saída da escola, naquele dia, houve o Trote dos Traseiros. Veteranos haviam preparado pequenos cartazes de cartolina, que penduravam nas costas dos novatos, quando estes passavam pelo portão.

Dotados de pequenos anzóis feitos com cliques, os cartazes eram enfiados nas cintas, nas presilhas de trás das calças ou na parte traseira do colarinho. Neles estavam escritas frases como: "Chute o meu assento!", "I'm a bali!", "Dê-me um belo coice!", "Mande-me para o espaço!"



Como sempre havia um empurra-empurra na saída, nem desconfiei dos veteranos que estavam perto de mim quando saí. Meteram-me na cinta um cartaz, que guardo até hoje, onde se lê: "Traseiro fofo: apropriado para a prática de futebol".

Este cartaz garantiu-me uma cerrada chuva de pontapés. Mas não fui muito longe, pois enrosquei-me na pasta gigante e me espatifei na calçada.

Mal levantei, dei de cara com a Japonesona, que, colocando a mão no meu peito, indagou:

— É você que anda espalhando que eu roubo merendas?

— Não — pigarreei.

O braço dela era duas vezes mais grosso que o meu.

— Quem anda falando, então? É aquele gordinho seboso, o Bolota?

Não respondi. À nossa volta crescia um círculo de curiosos. Veteranos gozadores, na maioria.

— Mete a mão no pirralho, Japonesona! — pediu alguém.

— Se eu tivesse roubado sua merenda, moleque, o que você faria? — indagou. — Me daria uns tapas? Ou uns beijos?

Os veteranos caíram na gargalhada.

Vermelho, sem jeito, eu não sabia onde me enfiar.

— Tapas ou beijos? — insistia ela.

Dúvidas terríveis impediram-me de responder àquela pergunta. Se respondesse tapas, provavelmente levaria uma bofetada. E se respondesse beijos? Teria ela me dado uma bicota?

Ainda hoje me pergunto: o que seria pior naquelas condições, encurralado em meio a uma massa de veteranos debochados? Levar uma chapuletada ou uma beijoca?

Quando constatou que eu estava inteiramente mudo, a Japonesona me soltou.

Sentindo-me um verme, caminhei para o ponto de ônibus. Minha pasta parecia pesar o dobro.

Parado no ponto, abri a pasta para verificar que aulas teria na quarta-feira. Dei de cara, então, com um grosso barrote de ferro, de uns vinte centímetros, enfiado entre meus livros. Na ponta do ferro, amarrado por um barbante, havia um bilhetezinho:

Candidu,

Roubá materiau do paitrinômio da Escola é um qcrime punido com expolsão. Não seja ladraum. Devolva amanhe esça barra di ferru au enspetor Gentiul. Diga que vosse levô a barra até en casa só pra faser ezercíciu pra fortalece os pulso. Açinado GL

Li, reli e não acreditei no que li.

Quem havia bolado aquilo não sabia nada de português, mas era especialista em brincadeiras idiotas. O que significavam aquelas letras?

Acometido por um fulminante ataque de raiva, joguei longe o ferro, que saiu pererecando, tirando faíscas do calçamento.

Que história era aquela de devolver o ferro ao inspetor Gentil? Se o fizesse, aí sim, poderia até ser punido, sob a acusação de roubo.

Os trotes estavam passando do limite.

15. A arte de dormir de olhos abertos

Em casa, mal engoli a comida e meu avô me mandou estudar.

— Estudar o quê? — perguntei, irritado.

— Revise o que aprendeu hoje!

— Passei a manhã aprendendo a encadernar livros. Não temos material aqui em casa para eu treinar.

— Então estude qualquer coisa, seu preguiçoso! Ou você prefere ir para o pátio capinar?

— Prefiro até estudar Matemática — retruquei. E abri o livro.

Nem por ouro, nem por prata, nem por sangue de barata eu pegaria numa enxada. Meu avô tinha a mania de dizer:

— Garoto desocupado é playground do diabo. Quando não está estudando ou trabalhando, só pensa em bobagem.

Por isso vivia me mandando estudar ou me obrigando a fazer algum trabalho, como varrer a casa, lavar a louça ou capinar o pátio. Como odiava qualquer esforço físico que não fosse mastigar, eu acabava sempre diante de um livro, fingindo estudar.

Naquela tarde, como na anterior, eu não conseguia estudar por causa do sono. E, de cinco em cinco minutos, o velho passava pela sala, para me espionar.

Mas, já naquela época, eu dominava a técnica de dormir com olhos abertos. A coisa funciona assim: depois de uns minutos de grande concentração, você só vê a mancha cinzenta do livro, porque as letras e as ilustrações se misturam todas num só borrão. Em seguida, você sente o corpo todo sendo tomado pela gostosura da preguiça proibida. Aos poucos, seus sinais externos de vivacidade vão se apagando: o queixo despenca, a boca se abre, as pálpebras descem. A respiração fica serena. Pronto, você está dormindo! Mas de olhos escancarados, para enganar os chatos.



Entre uma soneca (de olhos arregalados) e outra, eu me perguntava: "Suportarei, sem enlouquecer, a Semana do Trote?"

Na quarta-feira, vovô caprichou no meu lanche. Encontrei em cima da mesa um robustíssimo sanduíche: pão de quarto de quilo com um succulento bife acebolado no meio. Suspirei de felicidade.

Decidido a não entregar aquela bela merenda aos ladrões, resolvi escondê-la num local à prova de gatinagem: no bolso dianteiro da calça. Embora ela fosse folgada, o pão entrou justinho, já que era realmente grande.

Em aula, ao me acomodar na carteira, senti um grande desconforto. O lanche fazia um montão em cima da minha coxa, apertando a calça, quase me estrangulando a perna. E o incômodo foi aumentando com o passar do tempo.

De repente, tive um estalo. Por que não comer o sanduíche aos poucos? Devagar, naquinho a naquinho, para que a professora não notasse. Assim, reduzindo o pão, diminuía a pressão na coxa.

Foi o que fiz. Beliscava um pedacinho e o colocava na boca. Não mastigava, simplesmente deixava que a saliva o diluísse para então engoli-lo. Repeti a operação umas dez vezes.

De repente, uma voz meio fanhosa veio do fundo da sala:

— Dona Mimi, posso fazer uma denúncia?

Voltei-me e vi, de pé, o garoto mais alto da classe. Cláudio Aquino, o Cavalo, passava folgado do metro e oitenta.

Era o cara que, segundo o Bolota, tinha me empurrado para dentro do espelho d'água. Eu nunca havia prestado muita atenção nele, porque o danado sentava sempre nas carteiras do fundo.

Mais velho da turma, Cavalo ia completar dezoito anos. Por que esse atraso? Simplesmente porque ele havia sido reprovado em todas as séries do Primário. E, naquele ano, repetia a Primeira Série do Ginásio. Por que era reprovado sistematicamente? Diziam que rodava por gosto, só para fazer pirraça com os pais, pessoas muito ricas, donas de imensas fazendas de gado.

— Fale, Cláudio — disse a professora de Geografia, contrariada. Ela conhecia bem o Cavalo e sabia que ele não valia um tostão furado.

Dona Mimi era adorada pelos alunos. Paciente, nunca perdia a compostura, nem mesmo quando enfrentava alunos problemáticos como o Cavalo.

— Professora, esse garoto aí da frente, ruivo, catacego e feio, está comendo a merenda — continuou ele. — Toda hora morde um pedacinho. Isso não é permitido pelo Regimento Interno.

O garoto "ruivo, catacego e feio" era eu.

— Olhe para o chão perto dele, dona Mimi. Está cheio de migalhas — prosseguiu, entusiasmado. — É a prova do crime. E a merenda é esse volumão aí no bolso dele.

— Que coisa mais feia, Cláudio! Você não tem vergonha de ser dedo-duro? — retrucou a professora. E, voltando-se para mim, disse: — Por favor, coloque seu lanchinho em cima da minha mesa. Na hora do recreio poderá comê-lo.

Com a cara pegando fogo de vergonha, fui até a mesa dela e deixei o sanduíche lá. Nesse momento, escutei um fundo suspiro. Era o Cavalo, impressionado com o tamanho do lanche.

Alta e elegante, dona Mimi tinha rosto de capa de revista. Mas naquela primeira aula não prestei muita atenção nela. Meus olhos estavam grudados no pão com bife.

16. Honestos na desonestidade

Mal bateu o sinal, voei até a mesa da professora, que me entregou o pãozão. Sem nem mesmo agradecer, dei a maior mordida que minha boca permitiu. E fiquei ali, parado, mastigando desesperadamente, tentando engolir aquilo de uma vez.

— Esfomeado, hein? — dona Mimi riu, pegou o livro de chamada e saiu.

Tentei sair junto com ela, mas não deu. Cavalo barrava a saída. Deixava passar qualquer um, menos eu. Quis dribá-lo, não consegui.

Enquanto dançávamos dum lado pro outro, na porta, eu tentava engolir o naco de pão. Por fim, percebi que dentro da sala só restavam quatro alunos: nós dois, a Japonesa e um loiro, que chamavam Mocarongo.

Também repetente, Mocarongo era alto e forte. Tinha ombros quadrados, mãos imensas e uma cara de parvo. Seus olhos mortiços estavam quase sempre encobertos por pálpebras caídas. Dos seus beiços, permanentemente abertos, escorria de vez em quando um lento fiapo de baba. Mocarongo era o retrato perfeito da idiotice.

Da Japonesa já falei: peito amplo, braços e pernas grossas, não era alta, mas tinha a circunferência das árvores centenárias. Numa palavra: parruda.

Sentindo-me cercado pelo inimigo, tentei empurrar, com a ponta do dedão, o resto de sanduíche goela adentro. Mas não deu certo, porque, quando o pão ia resvalar esôfago abaixo, levei uma baita cotovelada nas costelas e a maçaroca meio mastigada saltou longe.

Mesmo dolorido, sem fôlego, mergulhei na direção do pedaço mastigado. Como disse, estava decidido a não entregar minha merenda aos gatunos naquele dia. Foi um pulo fantástico, salto de goleiro em jogo decisivo. Mas fracasei. Antes que pudesse apanhá-lo, um pé quarenta e cinco o esmagou.

Deitado no chão da sala, olhei para cima. Então notei quanto o apelido era apropriado. Cláudio Aquino tinha mesmo feições cavaleares. Cara fina, beiçolas grossas, queixo longo, cílios revirados e olhos pequenos separados por um narigão fenomenal.

Rindo da minha cara, os três assaltantes deixaram a sala. Levantei e fui até a porta. Vi quando dividiram, no corredor, em partes criteriosamente iguais, o meu sanduíche. Pelo menos eram honestos entre eles. Honestos na desonestidade.

Voltei à sala, deitei o rosto no braço da carteira, tapei a cara com o braço direito e afundei num choro espesso, de soluços sacudidos e lágrimas abundantes.



17. Esperteza contra brutamontice

Depois de um bom tempo, percebi que não estava só. Olhei por baixo do sovaco e vi — borrados pelas lágrimas — Bolota e Fuzilica. Tinham esperado a saída dos facínoras para virem me prestar solidariedade.

— Dê uma mordida aqui — disse o garoto, estendendo-me um pedaço de bolo, que aceitei na hora e mordi de imediato, preocupado com um possível retorno dos meliantes.

— Pegue uns biscoitos também — ofereceu Fuzilica.

Agarrei os biscoitos e fiquei segurando-os bem perto da boca, enquanto mastigava o bolo. Se os ladrões de merenda surgissem, trataria de engolir tudo às pressas. Mas eles não reapareceram.

Aliás, quem apareceu na moldura da porta foi o inspetor Generoso Gentil Amado:

— O que os elementos estão fazendo em sala? O Regimento Interno diz que é proibido permanecer aqui fora do horário de aula. Não sabem que podem ser acusados de roubo, caso desapareça algo durante o recreio?



Tratamos de sair ligeirinho. Mas o bedel me parou na porta:

— O indivíduo, por acaso, não foi o último a chegar na segunda-feira? Não caiu dentro do laguinho depois?

— É — respondi, depois de engolir o bolo.

— O elemento começa a se tornar muito conhecido nessa escola, o que não é nada bom!

Enfiei na boca os biscoitos e, rapidamente, deixamos para trás a sala e o bedel.

— A partir de amanhã, não trago mais lanche. Não vou dar comida para vagabundo — disse Fuzilica e, voltando-se para mim, acrescentou: — Só salvei meus biscoitos hoje porque eles estavam totalmente empenhados em comer o sanduichão que você trouxe.

— Não podemos passar fome o ano todo. Aguento tudo, menos jejum — disse Bolota, e um arrepio o sacudiu dos sapatos ao topete. Via-se logo que era alérgico a racionamento de comida.

— Agora sabemos quem roubou merendas na aula de encadernação — falou a Fuzilica. — Só pode

ter sido o Mocorongo. É repetente, como a Japonesona e o Cavalo. Juro que eles são os integrantes da GL.

— "GL?" Que troço é esse? — indagou Bolota.

— Gangue do Lanche — disse a menina, passando-nos um pedaço de papel, onde se lia:

Muléqua, pari de traser biscoitus pra a iscola porque elez são muinto durros. Prefuimos mais coizas mais molis como paun ou bôlô. Açinado: Gangui do Lanchi.

— Epa, então foram eles que botaram a barra de ferro na minha pasta ontem! — exclamei. — Tinha um bilhete assim, mal escrito pra burro.

— Só não sei é se eles têm mais comparsas. Mas uma coisa é certa: cedo ou tarde, teremos que enfrentá-los — disse Fuzilica, pensativa.

— Mas eles são grandes pra burro — contra-argumentou Bolota.

— E fortes — acrescentei.

— Se são mais fortes, teremos que ser mais espertos — retrucou Fuzilica. — Imagina se eles decidem continuar a comer nossas merendas mesmo depois do fim da Semana do Trote?

— Isso não, pelamor de Deus! — assustou-se Bolota.

— Já disse. Devíamos formar um esquadrão para combater os gatunos de lanche — pregou a magrinha.

— Combatê-los? — perguntei. Desanimado, passei a mão no lugar onde havia recebido a cotovelada: — Não sei, não.

De repente, gelei. Vi que do salão, através da vidraça, Japonesona, Cavalo e Mocorongo nos observavam. Estavam acabando de mastigar o lanche. Meu lanche, diga-se de passagem. Imaginariam que estávamos tramando algo contra eles?

— Será uma guerra devastadora — disse Fuzilica, erguendo o punho fechado. De costas para a vidraça, ela não via os repetentes, que nos comiam com os olhos. E concluiu, em tom de discurso. — A guerra da esperteza contra a brutamontice.

18. Panacas catando ervas daninhas

Infelizmente, meus problemas de quarta-feira não se resumiram só ao roubo do pão com bife acebolado. À tarde, tínhamos aula de Educação Física. "Teríamos."

Assim, saí da escola às pressas, fui para casa, almocei voando e retornei a mil. O tempo todo eu pensava na proposta de formarmos um grupo para enfrentar os gatunos de merenda.

Ainda não estava convencido da ideia, como queria Fuzilica. Tinha um pouco de receio. Mesmo assim, me dediquei a encontrar um nome verdadeiramente assustador, que pudesse se contrapor à Gangue do Lanche: "Quadrilha dos Famélicos", "Grupo de Proteção aos Bolos e Sanduíches", "Esquadrão de Defesa da Merenda".

Nome — de gente, bicho ou entidade guerreira — é coisa séria.

De volta à escola, encontrei-me com Fuzilica e Bolota no salão e retomamos a conversa da manhã. Quem mais poderia participar do nosso grupo? Bastava ter perdido um só lanche? Ou deveria estar calejado na penosa tarefa de passar fome?

Reconheço que não formávamos um conjunto que pudesse ser considerado assustador. Nenhum de nós media mais de metro e meio. Fuzilica era magra como bicicleta e Bolota redondo como botijão de gás. E meu biotipo também não impressionava.

Ah, e tínhamos um traço em comum: nenhum de nós possuía um mísero músculo sequer no corpo. Além disso, Bolota e eu usávamos óculos. E, convenhamos, nunca se vê nos filmes um herói de óculos!

Enquanto conversávamos, a sirene anunciou a aula de Educação Física. Quando entramos no corredor que levava ao ginásio de esportes, demos de cara com os repetentes, que nos barravam o caminho.

— Vocês estão liberados da ginástica, moleques. A GL programou uma atividade mais intelectualizada para vocês — disse o Cavalo. E relinchou. Quero dizer, riu.

Japonesona e Mocorongo, por trás dele, caíram também na gargalhada. Belos imbecis que eram, riam sacudindo os ombros.

— Farão um exercício mais apropriado para o físico de vocês: vão arrancar vassourinhas no campo de futebol.

Dito isso, os três começaram a nos empurrar em direção ao campo.

— Mas a gente vai levar falta — choramingou Bolota.

— Não tem problema, Pequena Pipa. Vocês não vão ser reprovados por causa de uma falta — disse Cavalo.

— Eu vou me queixar ao inspetor Gentil — ameaçou Fuzilica.

— Quem se queixa, leva no queixo — retrucou a Japonesona, levantando a mãozorra em direção ao nariz da magrinha.

— O inspetor Gentil é implacável — continuou Fuzilica. — Vai ferrar vocês.

— Ferrar? Sim, ele ferraria com muito gosto. Mas não agora, na Semana do Trote — replicou Japonesona.

— Trabalhem sem parar! Lá do ginásio, na sombra, estaremos observando vocês. Se fizerem corpo mole, vão levar porrada depois — ameaçou o Cavalo.

— Não parem nem para se coçar, mesmo que sejam atacados pelas terríveis formigas vermelhas — acrescentou Japonesona.

E, assim, perdemos a primeira aula de ginástica do ano.

— Que dor! — gemia Bolota a todo momento.

Ele tinha razão. Doíam-nos as costas, as mãos e os braços quando puxávamos as ásperas e resistentes plantinhas. E não podíamos parar um só minuto.

— Que calor danado! Minhas canelas estão pegando fogo! — disse, de repente, o Bolota.

— Calor que nada! — retruquei. — São as tais formigas vermelhas.

— Valei-me, meu São Francisco! — berrou Fuzilica, pondo-se a pular e a dar tapas nas canelas. Bolota e eu seguimos o exemplo dela.

Vista de longe, a cena era muito engraçada: três pessoas pulando feito loucas e estapeando-se. Logo escutamos as gargalhadas de nossos colegas.



— Quem são aqueles três malucos? O que estão fazendo lá no campo de futebol? Dançam a dança da chuva? — perguntou o professor de Educação Física, ao perceber a risada geral.

— SÃO COLEGAS DEDICADOS QUE LIMPAM O CAMPO PARA A GENTE JOGAR BOLA NA SEMANA QUE VEM — berrou Cavallo.

— Panacas! — foi o comentário do educador.

O professor de Educação Física, Canhão, era um velhote surdo e careca. Uns diziam que o apelido vinha da surdez: ele não escutava nem tiro de canhão. Outros, que era pela cabeça rapada, igual a bala de canhão do tempo dos piratas.

Quando acabou a aula, achamos que ia terminar o castigo, mas vimos chegar mais dez colegas, cinco meninas e cinco meninos, dos menores e mais fracos, arrastados pelos repetentes.

— Mais camponeses para a colheita! — anunciou o Cavallo.

— Agora, com treze boias-frias, o serviço vai render bem mais — empolgou-se Japonesona.

19. Chuva de chuva

Na quinta-feira, ao acordar, antes mesmo de abrir os olhos, exclamei: lanche ou morte!

Eu estava mesmo disposto a sacrificar a vida para não entregar mais minhas merendas aos bandidos.

Quando saltei da cama, senti uma dor terrível nas costas, resultado da colheita de vassourinhas.

Ao pegar a xícara de café, doeram-me os dedos. As palmas das minhas mãos também estavam muito machucadas. Malditos repetentes!

Naquele momento, decidi aceitar a proposta de Fuzilica.

Na escola, sentávamos em cadeiras bastante amplas, de madeira escura, que possuíam um braço onde colocávamos os cadernos. Por baixo, ligando as pernas da carteira, havia uma grade de madeira, sobre a qual deixávamos nosso material.

O problema desse tipo de carteira é que as mochilas sumiam de nossos olhos, facilitando a ação dos gatunos.

Em sala, ao sentar, deixei a pasta na frente da carteira, presa entre as minhas pernas. Se quisessem garfar o meu lanche, os larápios teriam que destrançar minhas pernas. Eu estava pagando para ver quem ia me roubar.

Os primeiros horários eram com Candeias, que naquela manhã parecia ainda mais irritado.

— O resultado da primeira aula foi pavoroso. Com exceção de dois ou três gatos-pingados, que resolveram sem querer os problemas, todos se saíram mal. Se continuarem assim, em vez de serem promovidos, no fim do ano vocês serão rebaixados ao primário.

Dito isso, começou a distribuir uma prova.

— Professor, eu sabia o que estava fazendo quando resolvi o problema na aula passada. Sou bom em Matemática, desde o jardim-de-infância — disse Bolota.

— Bom sou eu, que sou o professor. Você é, no máximo, razoável.

— O fato é que resolvi o problema — insistiu o gordinho.

Eu estava louco para dizer ao professor que também havia acertado. Mas calei o bico.

— Não me interessa se o senhor e mais um ou dois acertaram — retrucou Candeias. Sua barbicha tremia como a de um bode mastigando capim: — Sou um matemático, e o que me importa é a média geral, que nesta turma foi baixíssima.

Distribuída a prova, o professor foi para junto da janela, onde ficou fumando um cachimbo catiguento.

Enquanto fazia a prova, senti uma movimentação nos bancos do fundo. Havia uma inquietação solta pelo ar. De rabo de olho, percebi que os repetentes estavam agitados.

De repente, uma bolinha de papel me acertou na orelha direita, dolorosamente. Era minúscula, mas veio com muita força. Voltei-me para trás e só vi gente de cabeça baixa. Logo recebi outro tiro, dessa vez na orelha esquerda. E depois outro. Quereriam cola?

Toda vez que tentava me concentrar na prova era atingido. Estava louco para dizer a eles, de boca

cheia, que não ia dar cola coisa nenhuma. Seria a vingança do aluno estudioso sobre os repetentes relapsos.

Depois percebi que não queriam cola. Estavam irritados porque eu havia colocado a pasta entre as pernas, atitude considerada um desafio intolerável. Isso ficou claro quando, de repente, o Mocorongo se pôs de pé e disse:

— Licença, professor. Tem gente se mexendo muito na carteira. Isso me tira a concentração.

— Concentração? Desde quando o senhor se concentra numa prova de Matemática? A única concentração que o senhor poderia enfrentar, sem sofrer danos cerebrais graves, seria para um jogo de futebol. Continue a espremer com força este seu cérebro apoucado. E, para concluir, CALUDA!

Pouco depois escutamos a voz do Cavalo, macia:

— Mestre, esse garoto de cabelo escovinha, catacego e feioso, não sossega o pito. Parece que tem bicho-carpinteiro no corpo. Não para de se mexer.

— E daí? — indagou o professor.

— Pelo menos, ele podia parar de arrastar a pasta no chão. Faz um barulhinho irritante.

Candeias veio até perto de mim:

— Por que o senhor está com a pasta entre as pernas? Treina para jóquei?

— É para evitar que ladrões... — comecei a explicar, mas o mestre me interrompeu:

— Não temos larápios aqui. Temos, isso sim, tratantes de marca maior e ignorantes crassos. É normal, ocorre em todo grupamento humano. Mas gatunos não os temos entre nós. Se existissem, eu seria o primeiro a recomendar que fossem expulsos. Mas não na Semana do Trote, quando, em termos de pilantragem, tudo é permitido. Portanto, ponha a pasta debaixo da cadeira, concentre-se na prova e CALUDA!

Foi o que fiz.

Como sentia prazer em decifrar problemas intrincados, concentrei-me nos exercícios, o que me levou a um novo jejum. Não percebi quando me subtraíram a merenda.

Mas, pelo menos, tive um consolo. Bolota e Fuzilica também foram aliviados de seus lanches.

— Não aguento mais ser roubada — exclamou a garota.

— Nem eu — disse Bolota.

— Vamos fechar um pacto de união para enfrentar os repetentes ladrões. É agora ou nunca — acrescentou Fuzilica.

— Topo! E já boleei até um nome tremendo para o nosso grupo — anunciei. — EDM, "Esquadrão de Defesa da Merenda".

— Cara, o nome é uma paulada — impressionou-se Bolota. — Eu também topo entrar no grupo.

O fechamento de nosso pacto, no entanto, não nos ajudou a escapar de um novo trote no final daquela manhã.

Os veteranos se entrincheiraram na sala da banda — que ficava justamente sobre o portão de entrada — com água em sacos plásticos, bexiguinhas, canecas e baldes. E dali nos bombardearam impiedosamente na hora da saída.

Nenhum novato escapou enxuto do massacre, pois havia um grupo de veteranos fortões, parados na

portaria, que nos impedia a fuga. Quando alguém percebia o trote e tentava voltar, era empurrado de novo para a calçada, onde recebia sua cota de água.

Depois das chuvas de ovos e de pontapés, uma chuva de chuva.

20. Nem dor de barriga os comovia

Na sexta-feira, último dia da tenebrosa Semana do Trote, preparei uma estratégia mais elaborada para defender meu sanduíche.

Cortei em seis pedaços o pão besuntado com patê de galinha. Em seguida, enrolei cada um deles em papel celofane e coloquei-os dentro do cano das meias, umas largas meias de lã que tomei emprestadas de vovô.

Escondidos os pedaços de sanduíche, três ao redor de cada canela, baixei a cintura da calça para que meus tornozelos inchados não aparecessem.

Para completar a farsa, dentro da pasta enrolada como se fosse merenda, coloquei uma pedra parecida com uma ponta de pão sovado.

Naquele dia, as primeiras aulas foram dadas pelo mestre Castro, o simpático e empolgado professor de História.

Mais baixinho até que alguns dos alunos menores, como Bolota e Fuzilica, o Castro era gorduchíssimo. Debaixo do queixo, quase sufocada por sua monumental papada, ele trazia uma gravata-borboleta vermelha, da qual a gente só via as pontas. Usava um cabelão comprido, grisalho, necessitado de água e xampu, que lhe dava uns ares de poeta romântico.

— Bom dia, guerreiros e guerreiras — disse ele, jogando a pasta em cima da mesa e deixando-se cair na cadeira. Tudo muito rápido. Tinha gestos rígidos de robô.

Castro gostava das partes da História que tratavam de revoluções, assassinatos, revoltas, carnificinas, batalhas e crimes sangrentos.

— O mundo avança por entre a fumaça dos tiros de canhão! — dizia.

No primeiro dia, como introdução ao que viria depois, sem método ou ordem, ele falou de inúmeros conflitos bélicos, desde a mais remota Antiguidade até a Guerra do Vietnã, descrevendo batalhas e gabando generais. A sala cheirava a sangue e pólvora.

Tempos atrás, mexendo nas velharias do porão, achei meu caderno de História da Primeira Série. Relendo alguns trechos, minha atenção foi despertada pelo texto referente à aula inaugural.

Entre outras coisas, disse o Castro:

"Quando vai entrar em guerra, um Exército tem que saber tudo sobre o seu inimigo. Conhecer todos os seus pontos fortes e, principalmente, seus pontos fracos."

"Os generais de um Exército em desvantagem devem procurar os inimigos do seu inimigo para se juntarem a eles. A união faz a força."

"Nas guerras, como na vida, o fundamental é usar o cérebro. A força ajuda, mas não é o mais importante. Mais valem sagacidade, esperteza, argúcia e matreirice."

Encantado, eu copiava tudo o que o Castro falava. Sem querer, ele nos dava as dicas de que necessitávamos. Era simples. Bastava reunir os que estavam tendo suas merendas roubadas todo dia. Garotos e garotas menores, unidos, poderíamos enfrentar os galalaus ladrões.

Tão empolgado estava com essas lucubrações guerreiras que nem percebi quando me abriram a pasta

e encontraram a pedra enrolada em papel de pão.

Só soube do roubo quando senti uma dor insuportável no calcanhar. O gatuno, ao ver que havia sido enganado, jogara a pedra contra o meu pé.

— Ugh! — gemi.

— Por que agoniza, guerreiro? — perguntou Castro.

— Um troço me atingiu o calcanhar — suspirei.

— Bala perdida? — interessou-se o professor.

— Não. Foi uma pedra, mestre — intrometeu-se o Cavalo, cínico. — Caiu de dentro da própria pasta dele.

— Por falar em calcanhar — disse o professor, já desinteressado da minha dor —, vou contar a vocês a história do poderoso Aquiles, o guerreiro quase invulnerável. No corpo, ele só tinha um ponto fraco, o calcanhar. Por quê? Vocês sabem?

— NÃO! — esganiçou-se a turma toda.

Então, enquanto Castro narrava as peripécias do bravo Aquiles, eu pensava num jeito de comer o lanche.

A pancada no calcanhar indicava que os ladrões haviam descoberto o falso pão e o esconderijo do verdadeiro.

Mal deu o sinal do recreio, deixei a sala correndo. Segurando a barriga, como se estivesse precisando ir ao banheiro, desci as escadas a mil. Não olhei para trás, mas senti que os repetentes vinham nos meus calcanhares. Nem dor de barriga os comovia.

21. Perigo no banheiro

No térreo, sempre correndo, me dirigi ao imenso banheiro dos meninos e me enfiei na última retrete.

Logo escutei as passadas duras e a respiração ofegante dos amigos da merenda alheia. Uma a uma, da frente para os fundos, Mocarongo e Cavalo vinham abrindo as portas das retretes.

— Onde você está, moleque? — perguntava o Cavalo.

— Tá com dor de arreia? — indagou o estúpido do Mocarongo.

Eu já mastigava o segundo naco de sanduíche quando eles pararam diante da minha porta. Ao constatarem que ela estava trancada, o Cavalo falou:

— Sabemos que você escondeu a merenda nas meias.

— Passa o lanche pra cá se não quiser que a gente coma ele junto com a sua perna! — berrou o Mocarongo.

— Perna, não! Um fofo pernil de garoto gorducho — completou o Cavalo.

Antes de enfiar o terceiro pedaço goela abaixo, desafiei:

— Só entrego se vocês arrebentarem a porta a coices. Mas eu acho que o inspetor Gentil não vai gostar.

Em resposta, um pontapé tremendo explodiu na porta. Levei um susto tão grande que o naco de sanduíche resvalou goela adentro.

Peguei dentro da outra meia o quarto pedaço e, antes de enfiá-lo na boca, comentei:

— Uma porta dessas deve custar um dinheirão. Eu, se fosse vocês, não quebrava!

— BLAM! — outro pontapé, ainda mais poderoso.

As paredes e a porta da retrete mediam dois metros e meio de altura. Não iam até o teto. De repente, olhei para cima e vi, entre duas mãozorras, a cara do Cavalo:

— Passa o rango, garotinho, antes que a gente te afogue na privada!

A mãozorra começou a descer na minha direção. Pendurado pela barriga, meio corpo para dentro da retrete, tentava agarrar meu tufo de cabelos. Calculei que deveria estar amparado pelo Mocarongo.

Decidi adotar uma tática radical. Primeiro, me abaixei na frente do vaso, para evitar que Cavalo me pegasse pelo topete. Depois, abri a tramela da porta, devagar pra não fazer ruído.

Em seguida, num pulo, me joguei para a frente. Ao abrir-se violentamente, a porta jogou o Mocarongo no chão. O Cavalo, por sua vez, despencou lá de cima, veio direto sobre a tijoleta dura. De testa. Poderia ter sido pior, já que tirou uma finosa do vaso.

Zunindo, pulei por cima do Mocarongo e, na saída do banheiro, escapei da rasteira que Japonesona tentou me passar.



Fui direto ao pátio, me escondi debaixo dum limoeiro e tratei de mastigar os últimos nacos de pão. Pela parede envidraçada, observava o saguão.

Dali a pouco, vi passarem os repetentes. Entre a Japonesona e o Mocorongo, vinha o Cavalo, amparado. Tinha um enorme galo na testa.

Em questão de segundos, vi o galo crescer, ganhar espora, penas e crista. Só faltou cocoricar.

A Japonesona e o Mocorongo lançavam olhares furibundos à volta. Era a primeira vez na semana que não comiam nenhum lanche. Lanche dos outros, é claro. No meio deles, o Cavalo exibia os olhos vinhos dos boxeadores nocauteados.

Suspirei, aliviado. Não teriam mais tempo de me achar antes que eu comesse tudo. Vagarosamente, deliciei-me com o derradeiro naco de pão com patê, dando nele mordidas miúdas, dentadinhas. Mastiguei com calma, deliciado, meu primeiro lanche inteiro daquela semana.

Quando soou o sinal, abri um sorriso de vencedor e fui para a fila, onde encontrei meus colegas muito assustados.

— Que houve? Viram um fantasma? — perguntei, querendo aparentar descontração.

— O Ca-cavalo — gaguejou Bolota. — Está no Serviço Médico!

— Dizem que pode ficar aleijado — ajuntou Fuzilica.

— Ou lelé, abobado — acrescentou Bolota.

Preocupei-me. Teria mesmo machucado o Cavalo?

E se ele ficasse doido, o que aconteceria comigo? E se ele morresse?

— Juro que não queria machucá-lo, só queria fugir — gemi.

— Se ele não morreu, nem ficou abobado, a coisa vai pesar pro teu lado — disse Fuzilica.

Minha inquietação diminuiu quando vi surgir na vigia da porta da sala as caras feias dos três ladravazes. No meio, o focinho do Cavalo. Estava vivo, mas trazia a testa envolvida em larga faixa de gaze. Sua caixa craniana havia avançado alguns centímetros para a frente. Era o tal galo, mumificado.

Entraram em silêncio, despejando olhares mortíferos na minha direção. Mesmo sentado, senti um tremor nas pernas, uma opressão no peito e um zunido nos ouvidos. Enfim, senti medo.

Como diria o Castro, uma longa e dura guerra se anunciava no horizonte.

SEGUNDA PARTE

A VINGANÇA DOS PEQUENOS

1. Criatividade é coisa que não se esgota

Durante o fim de semana refleti profundamente sobre minha primeira e lamentável semana como ginasião.

Entre indignado e tristonho, recordei o roubo sistemático dos meus lanches e os angustiantes sinais da fome: fraqueza nas pernas, protestos do estômago e salivação abundante. E revivi o sentimento de total impotência, que me esmagava diante de sujeitos tão comilões e robustos quanto os repetentes.

Quando morava com mamãe, tinha tudo o que queria. Ela sempre satisfazia todos os meus desejos relativos ao movimento mastigatório das mandíbulas. Preparava-me tudo quanto era papapinha gostosa.

Mas os garotos nunca estão contentes. Um dia, resolvi que seria engenheiro eletrônico. Mamãe, coitada, levou o negócio a sério e me mandou para a cidade onde morava vovô, a fim de que eu estudasse numa escola técnica. E ali estava eu, a sofrer.

No passeio que fiz com o velho na tarde de domingo, apresentei, meio que choramingando, um resumo daqueles cinco dias terríveis. E concluí:

- E se continuarem a roubar nossas merendas até o final do ano?
- Trate de arranjar um jeito de evitar os roubos.
- Bolei vários planos. Gastei toda minha criatividade.
- Criatividade é coisa que não se esgota, nunca — retrucou. — Dê uma chance aos ladrões de merenda. Se, a partir de amanhã, pararem de roubar, muito bem. Se não, vá com tudo para cima deles. Faça como eu: dou um boi para não entrar numa briga, mas, se começo a brigar, dou uma boiada para não sair.

Somando as palavras de vovô ao que ouvira na aula do Castro, fui até a sala, abri um caderno e escrevi:

Regras básicas do EDM — Esquadrão de Defesa da Merenda

- a) Descobrir quem está do nosso lado. Quem não está conosco, está contra nós.
- b) Buscar a união com nossos iguais. Separados, somos fracos; juntos, somos fortes.
- c) Não entrar em combate sem ter traçado antes uma estratégia. É preciso saber, no mínimo, para que lado fugir.
- d) Declarada a guerra, atacar os inimigos até que eles peçam penico e levantem a bandeira branca da paz.

2. O Diabo era apenas uma garota parruda

Embalado por essas frases guerreiras, cheguei à escola com todo o gás na segunda-feira.

Procurei Bolota e Fuzilica:

— Camaradas, leiam as regras do nosso grupo, o EDM — Esquadrão de Defesa da Merenda!

Leram. Fuzilica, empolgada. Bolota, reticente.

— Preparei também um juramento — disse-lhes.

— Juramento? — espantou-se o gorducho.

— É bem curto: "Juro defender com unhas e dentes minha merenda para que ela não vá parar nas mandíbulas dos adversários".

— Genial! — agitou-se Fuzilica.

— Bolei um grito de guerra também. "Lanche ou morte!"

— Será que não estamos nos precipitando? — ponderou Bolota. — Acho que, depois da Semana do Trote, eles nos deixarão em paz.

— Calma! — exclamei. — Primeiro, vocês leem as regras. Se concordarem, fazemos o juramento, mas só vamos guerrear se eles atacarem.

— Já temos regras, juramento e grito de guerra — comentou Fuzilica. — Ainda faltam o hino e a bandeira...

— E um código secreto para comunicação — palpitou Bolota.

— Código secreto, hino e bandeira são coisas necessárias, mas vão retardar nossa entrada na luta — disse-lhes. Eu queria entrar em ação logo, antes que minha coragem se esvaísse.

— Sabe o que eu acho? — perguntou Bolota. E ele mesmo respondeu. — Que os repetentes têm pacto com o Diabo.

— Cruz-credo! — benzeu-se Fuzilica. — Que ideia!

— Claro! Se roubam o lanche sem que a gente veja, é porque o Tinhoso nos cega na hora do roubo — insistiu o gordinho.

— Com ou sem Diabo, não podemos deixar que comam nossas merendas todos os dias — retruquei.

— Tive uma ideia — agitou-se Bolota. — E se a gente simplesmente desse a merenda para eles? A Gangue do Lanche perderia a sua finalidade, que é roubar, e acabaria.

— Ô ideia de jerico! Se entregamos o lanche, eles podem se dedicar a outro tipo de roubo — contra-argumentou a menina. — Talvez resolvam tomar nossos livros, cadernos, lápis e canetas.

— Não, isso eles não farão. Porque nossos pais viriam reclamar aqui na escola — retrucou o garoto.

— Deixe nossos pais fora disso! Podemos tratar desse assunto sem a ajuda de adultos — vangloriou-se Fuzilica.

A conversa estava se espichando demais. Eu queria ação:

— O mais importante mesmo é começar o recrutamento! Vamos convidar para o EDM todos os que

foram roubados na nossa sala.

— Isso de recrutamento fica para depois — disse Fuzilica. — Mesmo sem saber se vão continuar assaltando nossas mochilas, decidi desencadear hoje o plano estratégico número 1.

— Que plano é esse? — perguntei.

— Vou comer metade da minha merenda. Já!

— Mas agora eu não estou com fome! — ponderou Bolota.

— Nem precisa estar — disse Fuzilica.

— Não estou nem com fome, nem entendendo — comentei.

— É simples — a menina abriu um sorriso de sabichona. — Comendo parte do lanche agora, correremos um risco menor depois: se nos roubarem, levarão só metade.

— Mas e se eles não nos atacarem hoje? — indagou Bolota.

Fuzilica não respondeu. Mas, mesmo sem fome, o gorducho e eu seguimos o seu exemplo. Atracamos com nossos lanches.

De barriga estofada, guardei o que restou do pão dentro da meia — como fizera na sexta-feira — e corri para a fila quando soou o sinal.

Naquele dia decidi observar os ladrões para ver se tinham mesmo alguma ajuda do Capeta.

Em sala, notei que a Japonesona instalou-se na primeira carteira da fila do meio, enquanto Cavalo e Mocorongo foram para o fundo.

Depois que Schulmeister começou a falar, a repetente, de quando em quando, discretamente, se virava para trás. Corpo ladeado, cabeça abaixada, ela fazia sinais com as sobrancelhas para os comparsas apontando o aluno mais atento à lição. Naquele dia, por exemplo, ela sinalizou que Fuzilica estava muito interessada nas explicações de Schulmeister sobre verbos defectivos.

O Diabo era apenas uma garota parruda.

Vi quando o Cavalo se espichou para a frente, como se fosse amarrar o sapato, e abriu a mochila da Fuzilica.

Fingi, então, um espirro fenomenal — ATCHIN-TURRA! — que fez toda a turma cair na gargalhada, obrigando o Cavalo a recolher a mão, que já estava dentro da mochila.

Irritado, o gatuno fuzilou-me com os olhos, jogou a caneta perto da minha mesa e veio apanhá-la. Espetou um dedo comprido e de unha suja na minha bochecha, e disse:

— Se você continuar metendo seu nasal onde não deve, ele acabará se esborrachando.

Resultado da ameaça: calei meu bico e Fuzilica ficou sem lanche. Isto é, sem metade do lanche, como tinha previsto.

A Guerra do Lanche ia mesmo prosseguir.

3. Ladrões não confiam em ladrões

Na terça, minutos antes de soar a sirene, Bolota, Fuzilica, eu e mais duas garotas e um garoto, recrutados no dia anterior, nos reunimos num canto do pátio, por detrás das bananeiras.

Os novos integrantes do Esquadrão de Defesa da Merenda eram a Sonho Ruim, a menina mais feia da sala; a Espanador-da-Lua, uma alta e magra de cabelos espetados; e o Papagaio, um loirinho que nunca abria a boca.

Apresentamos a eles as regras básicas, fizemos com que lessem o juramento e decorassem o grito de guerra. Depois falei:

— Ontem, observando os ladrões, notei que só roubam a merenda dos que sentam nas últimas filas. Aí, botei um plano. Vou sentar numa das primeiras cadeiras e vocês cinco ficam no fundo...

— Quer dizer, então, que eles vão roubar os nossos lanches, e não o seu? — irritou-se a Sonho Ruim.

— Não roubarão nada porque todos os lanches estarão na minha pasta. Assim, quando abrirem as mochilas de vocês e não encontrarem nada, eles pensarão que desistimos de trazer merenda. Entenderam?

— E se eles desconfiarem da tramoia? E se assaltarem a sua pasta? — questionou o gorducho.

— Não adianta fazer perguntas estúpidas, Bolota! — intrometeu-se Fuzilica. — Você tem uma estratégia melhor?

O gordinho negou com um gesto de cabeça.

Abri minha pasta e convoquei:

— Guardem seus lanches, senhoras e senhores!

— Digamos que a gente salve os lanches — insistiu Bolota, ainda agarrado ao seu pedaço de bolo. — Como é que vamos comê-los na hora do recreio, sem que a Gangue nos ataque?

Eu não soube responder. Sua pergunta era pertinente. Eu tinha bolado como esconder os lanches, mas não tinha um jeito de comê-los em segurança depois.

— Essa já é uma outra batalha — retrucou Fuzilica, forçando Bolota a guardar a merenda na minha pasta. — Batalha que a gente vai enfrentar na hora do recreio.

Mal iniciou a aula, os ladrões começaram a se mover inquietos nas cadeiras: queriam comida. Logo, silenciosamente, partiram para o ataque. Depois de abrir a mochila do Bolota, Cavalo gastou um tempão tateando por dentro dela. Quando concluiu que não havia nada de comestível ali, sacudiu a cabeça. Não acreditava.

Enquanto isso, Mocorongo atacava a mochila da Espanador-da-Lua. Por fim, também o loiro lerdo percebeu que não havia nada de comer lá por dentro. E sussurrou isso ao Cavalo, que não acreditou nele. Ladrões não confiam em ladrões.

Ágeis, trocaram de lugar sem que o professor percebesse.

Cuidando-os pelo canto do olho, eu não perdia um detalhe sequer.

Delicadamente, Cavalo moveu a mochila da Espanador-da-Lua até que ficasse com a boca para trás. Agia com paixão e arte. Sua mão de veludo abriu o fecho sem fazer ruído. E seus compridos dedos de

unhas sujas se intrometeram lá por dentro, investigando, sondando, apalpando. Concentrado, botava muita suavidade em cada movimento.

Por fim, quando percebeu que a mochila estava mesmo limpa, Cavalo, furioso, deu um coice na cadeira da menina. Chegava o recreio e ele não tinha roubado o que comer.

Desesperada, Japonesona fazia sinais histéricos para os comparsas, ordenando que atacassem outras pastas, depressa.

De repente, Cavalo bateu com a mão na testa, sinal de que tivera uma ideia. Por gestos, deu a entender à Japonesona que nós, suas vítimas, havíamos tramado alguma safadeza.

Senti que a coisa começava a complicar para o nosso lado.

Concentrei-me, então, em achar uma fórmula para vencer a batalha daquele dia, já prevista pelo Bolota: como comer o lanche que havíamos preservado do roubo?

Só a descobri quando um garoto orelhudo, o Fusca de Portas Abertas, sentado à minha direita, retirou o lanche da pasta. Decidi assumir uma atitude heroica: eu me sacrificaria para que meus amigos pudessem consumir seus lanches em paz.

4. Proibido, vedado e não permitido

Mal tocou o sinal, agarrei a pasta do Fusca, apertei-a contra o peito e saí correndo da sala. Era grandona, quase igual a minha. Os repetentes chispavam atrás de mim.

Desci a escada pulando de três em três degraus e, chegando ao térreo, em vez de correr pelo saguão, ou sair para o jardim, enveredei pelo corredor que levava ao campo de futebol.

Entrei ventando pela pista de atletismo, que circundava o campo. Alunos da Quarta Série, em uniforme de ginástica, estavam correndo ali. Enfiei-me no meio deles. Japonesona, Mocarongo e Cavalo pararam ao lado do ginásio de esportes e ficaram me observando.

Os caras da Quarta riram bastante porque eu estava mesmo ridículo correndo abraçado à pasta. Para que a coisa ficasse ainda mais engraçada, um deles me passou uma rasteira.

Um leve toque no calcanhar e eu me esparramei, esbaforido, sobre o gramado. Mas sempre aferrado à pasta. Em meio a uma chuva de gargalhadas, os grandões se afastaram correndo.



Foi então que o trio de gatunos se aproximou de mim. Com um sorriso mau pendurado nas beiçolas, o Cavalo me arrancou a pasta das mãos.

— Pulhas! — xinguei e fugi a mil por hora.

Cavalo levou três segundos para perceber que não havia ali nenhum lanche. Constatado o logro, saiu ventando atrás de mim.

Apesar de meio gordinho, eu era veloz, mas o Cavalo — impulsionado pela raiva — corria como um verdadeiro puro-sangue.

Agarrou-me pelo blusão quando eu estava quase entrando no saguão, onde estaria a salvo.

— Cadê os lanches, moleque? — esbravejou.

— Lanches? Que lanches? — fiz-me de idiota.

— Não banque o engraçadinho! Isso pode ser ruim para a sua dentadura. Onde vocês esconderam as merendas de hoje?

— Ah, as merendas de hoje! — naquele momento eu já podia falar porque, na certa, meus companheiros já as teriam devorado. — Estão na minha pasta.

— Mentira! Não tem nada dentro dela! — bufou a Japonesona, sacudindo a pasta.

— Ah, essa não é minha. É a do Fusca. A minha ficou na sala.

— Por que, então, você se abraçou na pasta errada e saiu correndo? — perguntou Mocarongo.

— PRIIIIII!

Não respondi à pergunta, porque ouvi quase dentro do meu ouvido o silvo estridente de um apito. O inspetor Gentil estava diante de nós.

— Por que corria o indivíduo abraçado à pasta? — perguntou-me o bedel. — Fugia de alguma assombração?

— É — resolvi mentir. — Tive um pesadelo. Sonhei que me roubavam a pasta. Aí, saí correndo.

— Teve um pesadelo? Quer dizer, então, que o elemento dormia em sala. O que é proibido! E depois correu pelos corredores, o que também é vedado. E em seguida foi para o campo de futebol, o que não é permitido. Como o indivíduo já aprontou muita arte em poucos dias, vou ter que mandá-lo copiar o Regimento Interno. Me entregue a cópia amanhã.

— E eles, que correram atrás de mim, não vão ser punidos? — perguntei, indignado. — A Semana do Trote já acabou.

— Temos uma justificativa, senhor — intrometeu-se o Cavalo. — Viemos atrás dele porque achamos que queria roubar a pasta.

— Ah, a pasta não é sua, elemento? Como explica isso?

— Faz parte do pesadelo. Sonhei que ela era minha — inventei.

— Dormir em sala de aula é coisa feia. Mas dormir de olhos fechados é pior. É desaforo. Se tiver de tirar uma pestana, durma acordado, entendeu? Agora vá. E não se esqueça da cópia! Se, por acaso, de hoje para amanhã, o indivíduo quebrar o braço direito, faça a cópia com o esquerdo. Se quebrar os dois, escreva com a caneta entre os dentes. E se, infelizmente, perder também os dentes da frente, segure a caneta entre os dedos do pé. Certo?

Furibundo, me afastei. Revoltava-me o fato de os repetentes não terem sido punidos também. Fui procurar minha turma.

No saguão, Fuzilica, Bolota e os outros receberam-me como herói: bateram palmas, me deram tapinhas nas costas e assoviaram. Enquanto eu tascava dentadas furiosas na minha merenda, eles me puseram sobre seus ombros e saíram em passeata, gritando:

— Lanche ou morte!

5. A arte de comer depressa

Carregaram-me até o bebedouro.

Sentado no ombro dos meus colegas, erguendo a mão com o sanduíche, atravessei o saguão. Garotos e garotas de todas as séries me aplaudiam.



— Belíssima estratégia — comentou Fuzilica, enquanto eu bebia água. — Digna de um general romano.

— É uma bela vitória, que um dia será contada pelo Castro — debochou Sonho Ruim.

— Por que você não nos disse que ia sair zunindo com a pasta errada? — perguntou Fuzilica.

— Eu não sabia. Inventei o truque de estalo, quando vi o Fusca apanhando o lanche. E eles engoliram a isca.

— Ficamos sem saber o que fazer quando você começou a correr — disse Espanador-da-Lua. Ela tinha uma queda por mim.

— É. Nossa primeira ideia foi correr atrás de você para protegê-lo dos bandidos — disse Fuzilica.

— Mas o bom senso prevaleceu, e fomos comer nosso lanche no jardim — continuou Bolota.

— Foi uma festa só, lanchamos na maior paz — comentou a Sonho Ruim.

— Estou me aperfeiçoando na arte de comer depressa — exibiu-se o Bolota. — Meto na boca os maiores pedaços que consigo abocanhar e empurro com a ponta dos dedos. Igualzinho à mamãe, quando ela enfia carne no moedor.

— Isso. Já que estamos numa guerra alimentar, devemos desenvolver novos métodos de mastigação — filosofou a Fuzilica.

Enquanto meus colegas deitavam falação, eu, sem perceber, apressava a ingestão do meu lanche. A cada mordida, aumentava a abertura das mandíbulas. Depois mastigava furiosamente.

— A gente podia tomar aulas com um engolidor de espadas — comentou Sonho Ruim.

A turma riu.

— Melhor é trazer só banana, que resvala fácil pela goela — sugeriu Fuzilica.

Tão empolgados estávamos com o bate-papo, que nem percebemos a chegada da Gangue do Lanche. Surgiram do nada.

Com os cotovelos, Cavalo abriu um clarão no grupo, espetou no ar o seu dedo sujo e ameaçou:

— Amanhã, se alguém bancar o espertinho, como hoje, nós vamos quebrar as pernas do safado.

— É isso aí — concordou Japonesona. — Duas pernas e mais um braço, de contrapeso.

— Se bancarem os espertinhos, vão ter! — meteu-se o Mocarongo.

— Vamos ter o que mesmo? — choramingou Bolota.

— Paulada para todos, ora! — retrucou Japonesona.

— Estou me borrando de medo — debochou a Sonho Ruim.

Então o sinal soou. Os repetentes se foram, pisando duro como gângsteres de filme, esbarrando em tudo quanto era moleque e moleca que encontravam pelo caminho.

Entrei em fila preocupado, porque precisava copiar os cem artigos do Regimento Interno, mas feliz, pois tinha a pança cheia.

Na saída, Fuzilica apresentou-nos uma sugestão:

— Estive pensando, e acho que devemos fazer uma greve de fome, até que a Gangue do Lanche se esqueça de nós.

— Greve de fome! — gemeu Bolota, desalentado.

— É. Sofreremos, sim, mas eles sofrerão bem mais. Quem está em guerra deve fazer sacrifícios — concluiu a garota.

6. Catinga tramoia

A decisão de jejuar não durou muito.

No meu caso, nem era jejum de verdade. A caminho da escola, no ônibus, mandava o lanche para dentro do bucho. Como estava sempre com fome acumulada, traçava tudo facilmente. Mas, no fim da manhã, a fome era pavorosa.

Já os integrantes da Gangue não se apertavam. Sempre tinha alguém levando lanche.

Uma semana depois, resolvemos que aquilo de não trazer lanche ou se empanturrar em cima do café não podia continuar. Traríamos o que comer, mas cada dia bolaríamos um plano diferente para evitar o assalto da Gangue do Lanche.

No dia marcado, chegamos cedo à escola. Bolota convocou uma reunião do EDM para o canto mais afastado do pátio, por trás das bananeiras.

— Hoje vamos esconder nossos lanches aqui — disse o gordinho, mostrando um saco verde de plástico.

— E daí? — questionou Fuzilica.

— O saco se confundirá com as bananeiras.

Sem pensar muito, colocamos os lanches no saco.

— Ficarei aqui até o sinal. Vocês mandam pra cá todos que quiserem salvar suas merendas — disse Bolota.

— Todos da nossa classe? — espantou-se Sonho Ruim.

— Claro. O ideal é que a Gangue faça jejum completo.

Discretamente, caminhei pelo saguão, enviando colegas até as bananeiras. Convenci vários.

Ao entrar na fila, escutei o seguinte diálogo entre os repetentes:

— A molecada está agitada hoje, hein?

— É de fome — disse Mocarongo. — Não lancham há dias.

— Tão até meio magrinhos — debochou Japonesona.

E os três caíram na risada.

Durante as primeiras duas aulas, Cavalo e Mocarongo não atacaram uma só mochila. A classe toda os observava. Por quê?

No intervalo, antes da terceira aula, Cavalo levantou-se, foi até a mesa do Bolota e disse-lhe, em voz alta, para ser ouvido por todos:

— Pequena Pipa, soubemos por um informante que você guardou toda a comidinha nas bananeiras. Muito obrigado!

Toda a turma voltou-se para o Bolota. Dezenas de pessoas gostariam de apertar o pescoço dele por uns bons minutos. De onde ele arranjava a infeliz ideia das bananeiras? E quem seria o tal informante da Gangue do Lanche?

— Perdemos nossa merenda por sua causa! — resmunguei.

— A esperança é a última que morre — retrucou Bolota.



7. Palito de pressão

Mal soou a sineta, Bolota vazou para o corredor. Com as mãos segurando a imensa barriga que naquele dia parecia maior, ele corria a mil por hora. Os repetentes saíram na sua perseguição.

Fui atrás para ver o desfecho. Quando cheguei ao alto da escada, vi Cavalo quase agarrando Bolota pelo colarinho.

Então, escutei um pavoroso grito de espanto. E vi quando o Cavalo voou. Após a decolagem, seu longo corpo ficou imóvel no ar, estirado de todo o comprimento, pernas e braços abertos, por um segundo, como se fosse helicóptero ou beija-flor. Aí, despencou. Juro que ouvi o estrondo seco dos seus ossos chocando-se contra a escadaria de mármore.

Mal seu esqueleto aterrisou, Cavalo foi atropelado por Japonesona e Mocorongo, que vinham atrás. Tropeçando no chefe caído, eles, por sua vez, desceram a escada pelo método mais simples: rolando.

Enquanto capotavam pela escadaria, os repetentes arrastavam todos que achavam pela frente. Formou-se uma maçaroca de gente rolando escada abaixo. A gritaria das meninas era infernal. Centenas de alunos se espremiavam junto aos corrimãos para ver a trapalhada.



— Strike! — berrou Fuzilica do alto da escada. Meia escola caiu na gargalhada.

Ao desembarcar no saguão, zonzos das cambalhotas, Mocarongo e Japonesona amparavam-se nas paredes e se apalpavam, à procura de fraturas expostas.

Correndo a mil, pulamos todos por cima do Cavalo, que estava desacordado, e por entre Japonesona e Mocarongo, zonzos, e fomos direto às bananeiras. Tínhamos que aproveitar para engolir as merendas.

Chegando lá, arrebentamos o saco verde e nos exercitamos na arte de comer o mais depressa possível. Bocarras escancaradas, mastigações furiosas e olhos abertos: prontos para sumir ao primeiro sinal da Gangue do Lanche.

Mas o tempo corria e nada de eles aparecerem.

Ao fim da comilança, comemoramos ruidosamente nossa vitória. Nós, os meninos, sempre mais barulhentos, festejamos o feito com sonoros arrotos e outras ventosidades.

Enquanto isso, o que acontecia aos gatunos?

Mais tarde, contaram-me que, quando o chefe da Gangue do Lanche, gemendo, levantou-se do chão, um aluno da Quarta gritou:

— Levem o Cavalo para a enfermaria!

— O veterinário não veio hoje! — berrou outro.

— O problema dele é fome. Dêem alfafa pra ele! — acrescentou um terceiro.

Enquanto os gozadores se divertiam, Japonesona e Mocarongo acudiam o chefe. Levaram-no ao bebedouro e, lá, mergulharam-lhe a cabeça na água fria por um tempão.

De repente, Cavalo sacudiu os cabelos molhados, soprou como um potro selvagem e empurrou os ajudantes:

— O que estamos fazendo aqui?

— A gente veio até aqui pra você se recuperar do tombo — explicou Mocarongo.

— Asnos! — explodiu o Cavalo, enraivecido. — Enquanto isso, os cretinos tiveram todo o tempo do mundo para comer a merenda!

— Ficamos preocupados com você — justificou Japonesona.

— A minha saúde é cavalar e a inteligência de vocês é minhocal. Vocês deveriam ter seguido os moleques. Garanto que agora estão no pátio comendo e rindo da nossa cara.

Saíram, então, correndo para o jardim, onde nos encontraram "palitando" os dentes. Palitando sem palito. Só chupando os dentes, fazendo aquele negócio que chamam de "palito de pressão". Para deixar claro que já havíamos merendado.

— Essa batalha vocês ganharam — disse o Cavalo, com um riso malvado acentuando suas feições equinas. — Mas a minha vingança vai ser tão terrível que vocês vão se arrepender de terem nascido.

Quando a Gangue se afastou, perguntamos ao Bolota como ele havia derrubado o Cavalo na escada.

— Foi sem querer — explicou o gorducho, envergonhado. — Depois que fechei o saco dos lanches, não resisti e peguei uma banana meio verde e botei no bolso, para comer, caso ficasse sem lanche. Mas, no alto da escadaria, ela caiu. E o Cavalo teve o azar de pisar direitinho em cima dela.

— Quem será o maldito informante da Gangue? — indagou Sonho Ruim.

— Só Deus sabe — disse Papagaio.



8. Deu a louca na Primeira Série

Para se recuperar do golpe da pasta errada e do tombo na escadaria, a Gangue do Lanche entrou em recesso por um tempo.

Esses dias de paz deram-nos confiança e começamos a trazer merendas mais elaboradas e volumosas. Passamos a comer descaradamente, mastigando com gosto, estalando a língua, chupando os beijos. Isso os deixava malucos. Na hora do recreio, espichavam olhões para nossos sanduíches.

Seguíamos o lema escoteiro — "sempre alerta" — pois sabíamos que mais dia menos dia voltariam ao ataque.

Certa manhã, notei que a Gangue chegara cedo à escola. Aquilo era um motivo de preocupação, já que eram sempre os últimos a entrar: só se movimentavam quando viam a frenética bandeirada do inspetor Gentil.

Conversaram rapidamente, em voz baixa, e dividiram-se. Cavalo ficou no saguão, perto da entrada; Japonesona foi para o jardim; e Mocorongo encostou-se nos bebedouros, de onde podia vigiar os fundos do jardim e do saguão.

Felizmente, naquele dia, também Fuzilica chegou cedo.

— Estão com o jeito de quem vai atacar! Acho que vieram mais cedo para ver se não vamos esconder as merendas — falei.

A garota olhou para os lados, antes de sussurrar:

— Tenho um plano para uma emergência dessas. Faça o seguinte: forme dupla com um companheiro do EDM e fique passeando pelo jardim, conversando. Aguarde minhas ordens.

— Por quê? — perguntei.

Mas ela não respondeu. Tinha corrido até a Sonho Ruim e já cochichava com ela.

Fiz então o que me mandou. Emparelhei com a Espanador-da-Lua e iniciei uma conversa furada sobre coisa nenhuma.

Ela me olhava intrigada, achando que eu estava louco ou perdidamente apaixonado por ela. Garotas sempre fantasiam histórias de amor. Mas eu não podia abrir o jogo com ela porque a Japonesona estava coladinha em nós.

Vi quando Fuzilica conversou rapidamente com Bolota.

Que estaria armando nossa colega? De minha parte, eu emendava asneiras em asneiras e a Espanador-da-Lua me olhava cada vez mais espantada e comovida. Certo momento, quando a Japonesona se distraiu, murmurei:

— Vamos caminhar assim até recebermos o aviso.

Espanador-da-Lua continuou a me mirar de soslaio pronta para fugir, caso eu comesse a revirar os olhos e a babar; mas também pronta para aceitar uma bicota, se eu me declarasse apaixonado.

Fuzilica juntou-se, por fim, ao Abeçudo — ou melhor, Flaviano, um garoto fanho que não pronunciava a primeira letra das palavras. Ganhou o apelido em homenagem à sua cabeçorra.

Os repetentes entraram em desespero. Percebendo que Fuzilica tramava alguma coisa, enfiavam a cabeça entre as duplas para ver se descobriam o golpe. Mas só ouviam bobagens.

— Essa conversa maluca faz parte da estratégia para salvar as merendas de hoje — sussurrei.

— Ah! — resmungou a Espanador-da-Lua, desiludida.

Quando faltava um minuto para o sinal, Fuzilica, Bolota e os outros começaram a correr feito malucos, em ziguezague, dando gambetas, corcoveando e tirando fina dos colegas. E gritavam. Papagaio, esganiçado, imitava uma ambulância; Fuzilica, um carro de bombeiros; Bolota, um trem. Abeçudo roncava como um porco com problema de dicção: inc! inc! inc!

Ri bastante. Era engraçada aquela doideira no pátio. E mais hilárias ainda eram as caretas de Cavalo, Mocarongo e Japonesona, que não estavam entendendo patavina. Depois saí zurrando pelo pátio, alegre como um burrinho.

Fuzilica, ao passar por mim, guinchou:

— Esconda seu lanche! Uma merenda em cada lugar!

Então compreendi o plano. Simulei um tombo junto a um canteiro e enfiar minha merenda debaixo de uma roseira. Levantei rapidamente e desembestei a correr e a gritar.

Atordoados, os larápios ficaram parados na porta que separava o jardim do saguão, enquanto garotos e garotas de todas as outras turmas acorriam de vários cantos para observar o nosso espetáculo.

— Deu a louca na Primeira A! — berrou alguém.

— Beberam cachaça no café da manhã! — gritou um altão.

Quando soou o sinal, perguntei a Fuzilica:

— O que a gente vai fazer na hora do recreio?

— O mesmo que fizemos agora: correr feito idiotas. E cada um vai pegar o seu lanche. Eles ficarão zonzos de novo.

Subimos para a sala. Cavalo atacou, sem sucesso, duas pastas, até perceber a ligação entre a corrida maluca e a falta de lanches. Aí, sem estrilar, desistiu.

Na hora do recreio, com Mocarongo e Japonesona, ele tomou o rumo do campo de futebol. Lá, fingiram se interessar por um jogo fajuto entre as Terceiras Séries, mas ficaram o tempo todo remoendo a fome e a raiva.

9. Serenidade da boia garantida

Depois daquele que ficou sendo conhecido como "O Dia em que Deu a Louca na Primeira Série A", alunos de todas as turmas quiseram saber detalhes da Guerra do Lanche.

De nossa parte, contamos os lances mais dramáticos da Semana do Trote e os posteriores, como o espetacular voo do Cavalo na escadaria e os golpes da pasta vazia e do saco verde.

Do outro lado, os gatunos descreviam minuciosamente os assaltos às nossas pastas e gabavam a qualidade de nossos lanches. Além disso, imitavam nossas caras de espanto ao perceber que tínhamos sido roubados.

A torcida maior estava a nosso favor, mas a Gangue contava também com um fã-clubes numeroso.

A Guerra do Lanche foi assunto obrigatório durante muitos recreios, no intervalo entre as aulas, e até mesmo durante a Educação Física. Faziam-se apostas. Uns achavam que a Gangue do Lanche voltaria a atacar e de forma ainda mais impiedosa. Outros julgavam que eles estavam derrotados.

O certo é que Mocarongo, Cavalo e Japonesona sossegaram por um bom tempo. Até que, num belo dia, os lanches voltaram a desaparecer. Não como antes, dois ou três por dia, mas um lanchinho hoje, outro daqui a seis dias.

Atacavam com cuidado. Por mais que os vigiássemos, não conseguíamos surpreendê-los num desses novos assaltos.

Não estávamos mais numa guerra de grandes batalhas. Vivíamos o que Castro chamaria de "guerra de guerrilhas". Quando menos esperávamos, eles atacavam. Depois recuavam, até que voltássemos a afrouxar os cuidados.

Certo dia, na saída, Fuzilica chamou a mim e ao Bolota:

— Preciso que vocês tragam pão com mortadela amanhã.

— Para quê? — perguntei, desconfiado.

— Para esconder nos canteiros — respondeu a garota.

— Essa estratégia não funciona mais — estrilou o Bolota. — Os repetentes podem ver quando a gente estiver escondendo!

— É justamente por isso. Quero que eles me vejam guardando os lanches no canteiro.

— Uepa! Não estou entendendo! Isso significa que você quer dar os lanches para eles? — indaguei.

— Elementar, meu caro Watson.

— Você pirou? — perguntou Bolota.

— Chega de papo! Amanhã, sem falta, preciso dos sanduíches para deixar junto com o meu no canteiro.

— Mas por que deixar três, e não dois, ou um? — insisti.

— Você saberá depois — respondeu Fuzilica, misteriosa.

A sugestão não era atraente. Eu não estava disposto a ficar mais um dia sem mastigar durante o recreio.

No dia seguinte, ao chegar à escola, entreguei relutante meu pão com mortadela a Fuzilica. Bolota fez o mesmo.

— Vamos para o jardim — convidou a menina. — Mas só vou esconder quando estiverem olhando para mim.

Por fim, vimos Japonesona e Mocorongo meio escondidos por detrás de uma pilastra do saguão.

— Estão nos observando — falei.

Teatral, Fuzilica olhou para os lados, como para se assegurar de que não estava sendo vigiada. Enfiou nossos lanches num saco transparente e os deixou entre as hortênsias.

Na fila, notei que os dois larápios estavam loucos para rir da nossa cara. Cavalinho tinha faltado naquele dia.

— Como é que a gente vai saber se eles vão cair na armadilha que você preparou? — perguntei a Fuzilica.

— Quando bater o sinal, descemos depressa. Mas não tão ligeiro a ponto de chegar ao canteiro antes deles.

A manhã transcorreu tranquila, porque sabíamos que seríamos roubados. Mocorongo e Japonesona mostravam a serenidade dos que têm a boia garantida.

Ao soar o sinal, saímos correndo. Mas permitimos que os larápios nos ultrapassassem na escada. No pátio, vimos Mocorongo correndo com o saco plástico na mão e Japonesona bufando atrás dele. Iam procurar um esconderijo.

— Deixem que se banqueteiem à vontade. Preparei uma surpresa para eles — disse Fuzilica.

10. Para comer a merenda dos outros

De repente, os gatunos irromperam pela porta do saguão. Mocorongo à frente, pisando duro, jogando os braços para trás. Furioso. Na mão, um sanduíche meio comido. Atrás vinha Japonesona, mastigando bovinamente.

Avançavam na nossa direção.

Diante de nós, Mocorongo agarrou Fuzilica pela blusa e a ergueu a uns vinte centímetros do solo. Ficaram cara a cara. Após esfregar o sanduíche no nariz dela, o loirão indagou:

— Foi você quem meteu esse troço no canteiro, não foi?

A voz dele soava estranha, cheia de chiados.

— Não! Claro que não! — berrou a magricela, convicta. — Deixei um saco nos canteiros, sim. Mas não com sanduíches. Tinha bolo de chocolate, pão com geléia e...

Nunca na minha vida eu tinha visto uma pessoinha mentir com tanta cara de pau quanto Fuzilica.

— É mentira! — disse Mocorongo, confuso.

— Solte-me! — ordenou Fuzilica.

Mocorongo abriu a mão e ela se esparramou no chão.

Depois de soltar o sanduíche, o loirão sentou no meio-fio do canteiro, enfiou a cabeçorra entre os joelhos e desatou a chorar. Senti pena dele, embora fosse um impiedoso larápio de lanches.

— Por que está chorando? — perguntei.

— Ele chegou com tanta gana no sanduíche que quebrou um dente da frente — explicou Japonesona.

— A mortadela era muito dura — soluçou Mocorongo.

Fuzilica foi a primeira a reagir:

— Você trouxe o dente quebrado?

— Sim — respondeu o loiro e, entre um soluço e outro, pescou do bolso direito da calça um belo dentão branquinho.

— Então vamos ao dentista! — comandou a menina, ao mesmo tempo em que recolhia o sanduíche meio comido pelo Mocorongo.

Mansamente, ele deixou-se conduzir até o consultório do dentista da escola. E ficou por lá. Não voltou para as duas últimas aulas.

— O que foi que você fez que o pobre do Mocorongo perdeu uma tecla do piano? — questionou Bolota, na saída.

A magricela retirou da mochila o sanduíche que Mocorongo havia mordido. Do meio do pão ela sacou a fatia de mortadela, que, na verdade, não era mortadela. Explicou:

— Um dia, descobri numa lata de lixo uma passadeira de borracha, vermelha com uns riscos brancos, que me pareceu uma mortadela gigante. Recortei um círculo, lavei e escovei. Hoje meti dentro de um pedaço de pão.

— Você queria mesmo quebrar o dente do Mocarongo? — perguntou Bolota.

— Deus do céu, claro que não! No máximo, eu queria que ele se engasgasse.

— Por que você colocou três lanches? — indaguei.

— Era um sanduíche para cada um. Pensei que os que pegassem os pães com a mortadela de verdade gozariam de quem ficasse com o recheio de borracha. Mas o Cavalo não veio à escola.

— Por que, então, você mentiu, dizendo que tinha deixado um bolo no canteiro? — perguntei.

— Invennei aquilo na hora. Quando vi que o Mocarongo tinha quebrado um dente, tirei o corpo fora.

No outro dia, ele reapareceu. Quando abriu um sorriso frouxo de idiota, vimos a obra de arte do dentista. O dente fora recolocado no lugar, mas estava cinzento, pois, para reimplantá-lo, o dentista metera dentro dele um pino de ferro. Ficou um dente feinho, mas com a mesma função: servia para comer a merenda dos outros.

11. Até água fervendo

Chegamos a acreditar que o dente quebrado do Mocorongo havia sido o golpe definitivo. Achamos que, por fim, os gatunos aceitariam nossa superioridade guerreira. Mas estávamos enganados.

Certo dia sumiu um lanche do Bolota. Dois dias depois, a mesma coisa. E mais outra vez. Sempre com o Bolota.

A Gangue do Lanche ressurgia das cinzas, mas disposta a assaltar apenas uma mochila, a do Bolota.

Pensando bem, tinham razão. A nova tática mostrava que os ladrões eram pessoas de fino gosto, porque os bolos feitos pela mãe do nosso colega rechonchudo eram simplesmente ótimos. Aliás, o próprio formato do Bolota, circular, redondo, esférico, era prova do gabarito culinário de dona Nonoca.

Fuzilica disse ao gorducho:

— Deixa comigo. Vou convencê-los a esquecer os bolos. Amanhã, chegue cedo à escola. Estarei esperando por você.

No dia seguinte, madrugamos na escola, Bolota e eu. Fuzilica recebeu-nos perto do portão:

— Dê-me o bolo!

— Você não vai comer, vai? — indagou ele, entregando à menina um belo pedaço de bolo.

— Eu, não. A Gangue do Lanche, sim. Me esperem no pátio — disse ela, antes de marchar em direção ao banheiro das meninas.

Minutos depois, Fuzilica retornou:

— Pegue seu lanche de volta, mas não coma nem um tiquinho dele!

— Nem uma lambidinha? Quer dizer que vou passar fome de novo?

— Fome você não passa, porque eu e o Cândido dividiremos nossos lanches com você.

— Você não vai nos contar qual é o golpe? — perguntei.

— Não! Esperem e verão!

Em sala, pelo canto do olho, percebi quando Cavalo deslizou para a carteira atrás do Bolota. E, com os conhecidos gestos profissionais, delicados e silenciosos, meteu a mão grande na mochila do gorducho. Tateou até localizar o bolo.

Aí, seu rosto cavalar foi iluminado por um largo sorriso, nascido da secreta alegria que toca o coração dos gatunos quando metem a mão nas coisas dos outros.

Em vez de guardar o bolo imediatamente na sua mochila, como mandava o bom senso, Cavalo levou-o ao nariz. Por um tempo que me pareceu interminável aspirou, apaixonado, o perfume das frutas cristalizadas, do chocolate, da cobertura de merengue.

Tocou o sinal. Descemos.

Durante todo o recreio, Bolota e eu insistimos com Fuzilica para que nos desvendasse o mistério. Mas ela se manteve calada.

A magriça e eu dividimos nossos lanches com o Bolota, que não ficou muito contente. Nada se comparava aos bolos de dona Nonoca! Comemos em silêncio, meditabundos.

Num banco perto de nós, Cavalo movimentava gostosamente sua mandíbula. Encostados numa parede,

Japonesona e Mocorongo derramavam sobre ele olhares pedinchões, do tipo: "Ei, você aí! Me dá um pedacinho?" Mas Cavalo não estava nem aí. Lambuzava-se com o bolo de chocolate roubado.

Quando entramos em forma, Fuzilica nos deu uma dica:

— O Cavalo comeu uma bomba de retardo. Daqui a pouco, ela vai explodir.

— Que bomba? — perguntei.

— Uma bomba química — respondeu, evasiva.

Em sala, a bondosa e paciente dona Dulce — a professora de Ciências — escrevia uma lição na lousa quando o Cavalo falou:

— Professora, posso ir ao banheiro?

— Ao banheiro, Cláudio? Mas você acabou de voltar do recreio. Não teve tempo para fazer suas necessidades fisiológicas?

Aquele negócio de "necessidades fisiológicas" foi mesmo muito engraçado. Caímos todos na gargalhada.

Olhei para trás e notei que o Cavalo estava branquíssimo. Tão pálido que parecia esverdeado, e suando muito na testa.

— Ter, eu tive, dona Dulce — suspirou ele, inquieto na carteira. — Mas naquela hora eu não estava precisado.

Seus olhos pareciam querer saltar fora da cara.

— Essa escola tem regras muito rígidas quanto às idas ao banheiro, Cláudio — ponderou a professora, sempre escrevendo no quadro. — Não podemos permitir que, por qualquer coisinha, os alunos fiquem saindo.

— Eu volto logo e copio tudo, imediatamente, dona Dulce — disse Cavalo, contorcendo-se, enroscando uma perna na outra, como se quisesse dar um nó na altura dos joelhos.

— Não sei se posso liberá-lo, Cláudio. Passaram-se apenas quinze minutos do recreio. Você não poderia se segurar por mais uns trinta e cinco minutos?

— Certamente que não, professora! De jeito nenhum. Estou quase estourando. É pra já. É pra agora!

Pela sala explodiam risinhos cretinos. Era tremendo o drama do ladrão de bolos, mas ninguém tinha pena dele. Mocorongo e Japonesona eram os que riam mais alto.

De costas para nós, dona Dulce não fazia ideia da grandeza do sofrimento do Cavalo:

— Cláudio, você me promete uma coisa?

— Tudo! Tudo o que a senhora quiser, professora, eu faço — gemeu. — Se a senhora pedir, eu bebo até água fervendo.

— Não precisa ser tão radical. Você me promete que até o fim do ano não pedirá mais para sair de aula?

— Prometo e reprometo — disse e saiu correndo. Passou como um raio pela professora e ganhou o corredor. Foi tão rápido que pensei que tivesse atravessado a parede.



A classe toda, então, explodiu numa gostosa gargalhada. Quando a gritaria cessou, me virei para Fuzilica:

— O que você pôs no bolo?

— Eu? Nada. Mas, pelo jeito, dona Nonoca deve ter se enganado no recheio.

— Deixa de ser boba! O que você botou nele? — insisti.

— Ora, a mãe do Bolota deve ter deixado cair alguma coisa no meio do bolo. Talvez um purgante.

Depois do bolo "envenenado", o Cavalo se entregou. No dia seguinte, parou diante da carteira de Fuzilica e disse:

— Não sou louco de comer outra merenda daquelas, baixinha. Pra mim, a guerra acabou.

Mocorongo e Japonesona, forçados pelo chefe, também depuseram as armas.

Mas o grande final da guerra ainda estava por chegar.

12. A suave aragem da liberdade

Um dia, ocorreu um fato extraordinário. Para surpresa geral, os retardatários não tiveram os apitos furiosos e as bandeiradas enlouquecidas do inspetor Generoso a alertá-los.

Pela primeira vez, em mais de trinta anos de trabalho, o gigantesco bedel não desceu para a frente do colégio quando faltavam exatamente quatro minutos para fechar o portão. Não desceu, não acenou e muito menos apitou.

Nesse estranho dia, eu estava entre os retardatários. De repente, me vi correndo. Mas senti que havia algo errado. Logo percebi que era a falta dos silvos do apito e do movimento frenético da bandeirola. Corríamos como cães amestrados, mas não havia nenhum domador a nos comandar.

Ao chegar ao portão, uma sensação ruim tomou conta de mim. Fui o último a entrar na escola. Manuel Barriga — o bedel que naquele dia substituíra o inspetor Amado — não bateu a porta com força nem abriu a vigia para debochar dos que tinham ficado de fora. Fechou e nada mais.

Já dentro da escola, parado junto ao portão, tentando colocar a respiração em ordem, escutei um choro grosso de homem grande. Olhando para a sala dos bedéis, vi o inspetor Gentil com os cotovelos fincados na mesa, mãos segurando a carapinha grisalha. Quase senti pena dele, mas logo uma sensação de absurda felicidade percorreu o meu corpo todo.

Naquela manhã, o inspetor Generoso não apareceu para comandar a subida das turmas em direção às aulas. Em vez do silêncio cortante de todos os dias, reinava um zunzunzum insistente entre as turmas enfileiradas no saguão. Todos queriam saber o que havia acontecido com o bedel durão.

— Sumiu a bandeira do coitado — murmurou Sonho Ruim.

— O apito também — completou Espanador-da-Lua.

Cada aluno, cada aluna, da Primeira à Quarta Série, todos tinham uma explicação. Roubo, puro e simples. Vingança de alunos. Um recado dos deuses a Gentil para que mudasse de comportamento. Encantamento diabólico.

— Vocês estão estranhos hoje — comentou dona Mimi. — Parece que viram passarinho azul!

Com grande dificuldade contínhamos nossa alegria. Estávamos loucos para explodir em urras e vivas, mas tínhamos que nos controlar. A suave aragem da liberdade percorria a escola, soprando em todas as aulas e oficinas.

— Sem bandeira e apito, ele está acabado — sentenciou Fuzilica.

Interiormente, todos nos sentíamos agradecidos ao misterioso gatuno que havia roubado os símbolos do poder naquela escola.

Passada a tal aragem da liberdade, veio o temor instalar-se entre nós. É claro que o roubo do apito e da bandeirola não ficaria sem resposta. O inspetor Amado não se limitaria ao pranto. Passada a choradeira, agiria.

Embora mergulhado nessas cogitações, percebi um negócio estranho. O Bolota, que sentava sempre na frente da sala, tinha se acomodado no fundo, bem no meio dos repetentes, e puxava papo com eles! Ria para Japonesona.

Dava tapinhas no ombro do Cavalo. Trocava soquinhos com Mocorongo.

Mal bateu o sinal, corremos para o recreio. Fuzilica, eu e outros combatentes do já meio desativado EDM. Falávamos ao mesmo tempo, agitados, trocando impressões sobre o sumiço dos apetrechos do bedel. Aquele era o principal assunto na escola, mas uma outra coisa nos preocupava bastante:

— Vocês viram o Bolota no fundo da sala hoje? — perguntou, de repente, a Sonho Ruim.

— Oisa uito strana — comentou Abeçudo.

— Será que ele se passou para a Gangue do Lanche? — indagou Espanador-da-Lua.

— Traidor! — arrematou Papagaio.

Essa conversa foi interrompida por notícias de última hora, trazidas por garotas da Segunda Série.

— Os bedéis estão indo de sala em sala! — anunciou uma delas, nervosa.

— Revisam pastas e mochilas! — acrescentou outra, roendo as unhas.

— Procuram apito e bandeira! — informou uma terceira.

— Já passaram por todas as séries — arrematou uma feiosa. — Depois do recreio, será a vez de vocês!

13. Pense positivamente

Finda a última aula, o inspetor Generoso apareceu em nossa turma, a última a ser investigada. Parecia abatido. Revistara centenas de pastas e nada encontrara. Por que deveria ter esperanças de achar seus tarefas justamente na nossa sala?

A devassa começou da frente para o fundo. O bedel ia de mesa em mesa. Os alunos retiravam das pastas os livros e cadernos e empilhavam-nos no chão. Depois passavam a pasta ao bedel, que abria todo bolso ou fecho que encontrasse. Virando-a de boca para baixo, ele a sacudia. Só quando concluía que não continha seus preciosos adereços — apito e bandeirola — seguia em frente.

Por fim, chegou à última fila.

A sala explodiu num tremendo oh! quando a Japonesa tirou seus bagulhos de dentro da mochila e a virou de boca para o chão. Depois de um batom, um espelhinho quebrado e um pente desdentado, caiu uma corrente grossa de ouro. Que, por sinal, era muito parecida com a do inspetor Gentil. Aliás, era igual. Aliás, era a própria!

— O que é isso, pelamor de Deus? — perguntou a garota. Ou ela estava realmente surpresa, ou era uma grande artista e fingia muito bem.

— Isso, elementa, é simplesmente a minha corrente — disse o bedel, antes de arregaçar a bocarra num sorriso perverso.

— Não pode ser! — estrilou a Japonesa. — Dou o pescoço para saber quem enfiou essa corrente na minha mochila.

— Se você desse o pescoço, indivíduo, como faria, depois, para usar esta bela corrente de ouro que furtou?

Boquiaberta, ela não tinha resposta.

O inspetor revistou criteriosamente a mochila da Japonesa. Pode-se dizer que investigou até mesmo os pontos da costura, um por um.

A sala toda permanecia muda, embasbacada. Ouvia-se apenas a respiração ansiosa da garota, que parecia estar numa sauna: suor abundante corria em riachinhos pela sua cara. De quando em quando, resmungava.

Chegou, então, a vez do Mocarongo, cujas mãos tremiam muito ao abrir a pasta.

— Por que treme tanto, indivíduo? Tem culpa no cartório?

— Trêmulo, eu? Estou totalmente à vontade, inspetor — respondeu o loiro, ao retirar, desajeitado, os cadernos desbeijados. Junto com eles veio uma bandeirola. Vermelha. "Idêntica" à usada pelo inspetor Amado.

— Certamente o elemento, como sua colega, também não sabe como a bandeira veio parar aqui, não é mesmo?

— Juro que sou inocente, inspetor! Roubei lanches dos meus colegas. Colei em todas as provas que pude. Mas se tem um troço que não fiz foi roubar a sua bandeirinha.

— O elemento terá chance de provar o que afirma depois, quando estivermos lá embaixo, na minha sala.

Naquele momento já ninguém mais tinha dúvida de que o apito do inspetor ia aparecer na pasta do

Cavalo, o último aluno a ser revistado.

Dito e feito. Retirados livros e cadernos, que eram poucos, a pasta foi virada de boca para baixo. E um apito prateado veio ao chão, grudado num chiclé mascado.

— O indivíduo terá a cara de pau de alegar que nem desconfiava da presença deste apito na sua pasta?

— Alguém botou essas coisas nas nossas pastas para nos sacanear — retrucou o Cavalo.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Mas para descobrir quem fez isso com vocês eu teria que mandar ver se existem impressões digitais no apito, na bandeira e na corrente. E depois teria que colher as impressões de todos os alunos. Isso demandaria muito tempo e trabalho. Fica bem mais simples suspender vocês três por uma semana.

— Mas na semana que vem teremos várias provas — argumentou Japonesona, à beira das lágrimas.

— Pense positivamente, elementa. A suspensão evitará que vocês tirem notas baixas nas provas.



14. O medroso que virou herói

A Guerra do Lanche acabou, definitivamente, com a suspensão dos três repetentes por uma semana.

O engraçado é que eles, que haviam gatunhado tantos lanches, foram ferrados por um roubo que não cometeram.

— Fomos punidos pelo motivo errado — debochou Cavalô.

Embora Bolota nunca tenha confessado, talvez com medo de levar uma coça, estou certo de que foi ele quem enfiou os trecos do bedel nas pastas dos repetentes.

De uma hora para a outra, o gorducho, que o tempo todo tinha sido o mais medroso dos combatentes, tomou coragem. Resolveu virar herói. Talvez pelo fato de lhe terem nascido, por aqueles dias, dois fios de bigode.

Lembro-me de que, numa rodinha no pátio, cercado por várias meninas, Bolota ameaçou:

— Ainda vou fazer esses ladrões se arrependerem de terem vindo ao mundo.

— Já maltratamos muito os coitados. E eles se renderam — comentou Fuzilica.

— Ainda não foram punidos o bastante — retrucou Bolota, lançando pela volta um olhar de galã de cinema.

Depois dessa conversa, durante vários dias, o gordinho não quis saber de andar conosco. Passava os recreios sozinho. Meditando. Mais tarde, passou a rondar pela frente do saguão, perto da sala dos bedéis, observando os movimentos deles. Já havia decidido roubar os trecos do inspetor Gentil, penso eu.

Na manhã em que o julgamos traidor, o valente Bolota estava distraindo os gatunos para enfiar os apetrechos do bedel nas pastas deles.

15. Vá enxugar gelo!

Mais de trinta anos se passaram desde o fim da Guerra do Lanche.

Ao escrever este livro, senti saudades daquela época. Tempo bom aquele em que minha maior preocupação era tirar notas que não me rendessem uma bronca do meu avô! Época maravilhosa dos primeiros namoricos! Aliás, Fuzilica foi minha primeira namorada. Quase desmaiei de emoção no dia em que peguei na mão dela. Mas, antes mesmo do primeiro beijo, o romance acabou. Ela mudou de cidade e nunca mais a vi.

A dureza inicial de Candeias e Schulmeister, aos poucos, foi diminuindo. Eram professores à moda antiga, entravam de sola no início do ano para assustar os alunos. Depois maneiravam. Eram rigorosos, mas dedicados e competentes.

Também lembro com carinho das professoras gentis, como dona Mimi e dona Dulce, que aturavam pacientemente nossas travessuras. E do engraçadíssimo Castro, sua gravata-borboleta e suas histórias sangrentas.

Todos eles ocupam um belo espaço na minha memória.

Na primeira releitura deste livro, tive a impressão de pintar um quadro escuro da vida escolar. Naquela época, havia mais dureza nos colégios, mais castigos e menos diálogo, sim. E mais trotes também. Mas o objetivo daqueles professores era o mesmo dos de hoje: queriam fazer de nós cidadãos bem preparados para a vida e para o trabalho.

Nesses anos, mudou muito o cenário nas escolas. Mas os jovens de hoje são iguais aos da minha época. A adolescência sempre foi e sempre será o tempo de experimentar o amor, de fazer amizades e de descobrir nossos talentos pessoais. Época de sonhar grande, de ter medos imensos e de brigar o tempo todo com os pais e com as namoradas.

Ao concluir este livro, a saudade me levou a viajar à cidade onde fiz o ginásio.

Já na estação rodoviária, peguei um táxi dirigido por um cara muito narigudo. Intrigado, percebi que ele me olhava insistentemente pelo retrovisor. Observei-o também, até que me veio um estalo:

— Você não é o ...

— Papagaio? Claro que sou o Papagaio, Candinho! — berrou ele. E freou o carro bruscamente, quase causando um acidente.



— Cara, você mudou para burro! — espantei-me. Papagaio tem agora quase dois metros.

— O que você está fazendo na cidade? — perguntou-me, olhos úmidos de emoção.

— Vim rever os colegas da escola.

— Não vai dar. Mudaram quase todos — disse ele.

Rodamos uma manhã inteira. Primeiro fomos à escola, onde não encontramos um só dos professores da nossa Primeira Série. Até dona Mimi se aposentou. Trocando recordações, passeamos pelo pátio e pelo saguão. E pelo campo de futebol, onde catamos vassourinhas. Em certo momento, julguei ter ouvido um apito estridente. Depois fui visitar a casa onde morei com vovô.

Enquanto cruzávamos a cidade, Papagaio, falando pelos cotovelos, contava-me dos antigos colegas:

— Fuzilica engordou muito e hoje é juíza de Direito em São Paulo. De vez em quando vem aqui. E anda sempre no meu táxi! Quem diria, hein? A danadinha que botou purgante no bolo virou autoridade.

— E o Bolota, você tem notícias dele?

— Claro. Ficou magro, elegante e rico. É dono de uma rede de lanchonetes em Minas Gerais.

— Ficou magro porque, na adolescência, comeu o suficiente para toda a vida — comentei.

Pelo hoje muito falante Papagaio, fiquei sabendo ainda que a Espanador-da-Lua se casou com um jóquei e vive em Curitiba; a Sonho Ruim é dona de um salão de beleza, em Porto Alegre; e o Abeçudo ganha a vida como locutor de uma rádio FM, em Salvador.

Naquele passeio, revi os integrantes da Gangue do Lanche.

Logo encontrei o Mocarongo, que é dono de um açougue. Quase não mudou. Continua grande e forte, com as mãos ossudas ocupadas agora em retalhar bois e frangos. Mantém aquele ar desligado de quem pensa pouco. Quando pensa.

— Tenho três filhos e sou um homem feliz — disse ele, sorrindo. Pude ver então que o dentão cinza permanece firme.

A Japonesona virou professora. Mais do que isso: diretora de uma escola de Primeiro Grau. Não casou, mas teve um filho com um vendedor de enciclopédia.

— Depois que fui suspensa pelo inspetor Generoso, mudei de vida. Resolvi encarar o estudo. A Guerra do Lanche foi a minha salvação, tomei jeito — confessou, quando a visitamos na escola.

Por fim, encontrei o Cavalo. Num café, no centro da cidade, tomando cerveja às três da tarde. É ali que mata o tempo, agora que torrou as fazendas de gado da sua família.

— Tenho um só orgulho — exibiu-se ele. — Graças a Deus, nunca trabalhei na porca da minha vida!

Como nem tudo dá totalmente certo ou errado na vida dos homens, Papagaio me contou que o Cavalo tem um filho, que é a vergonha da sua cara: um garoto que, aos dezesseis anos, tirou o primeiro lugar no vestibular para Medicina.

Quando nos despedíamos, na rodoviária, Papagaio, em voz baixa, me disse:

— Tenho que confessar uma coisa, Candinho.

— Desembuche!

— Sabe quem foi que contou ao Cavalo que nossas merendas estavam escondidas num saco entre as bananeiras? Fui eu. Ele e o Mocorongo me pegaram no banheiro e me obrigaram a contar para eles. Disseram que, se eu não falasse, quebrariam o meu nariz.

— Você fez bem em contar a eles — comentei. — Seu nariz, quebrado, não ficaria muito melhor do que é.

Com uma gargalhada, nos abraçamos mais uma vez.

E eu? Bem, eu, que sonhava ser engenheiro eletrônico, sou jornalista. Escrevo notícias sobre assassinatos, acidentes e assaltos a banco. Por isso curti bastante escrever este livro sobre inocentes assaltos a pastas e mochilas.

Sempre que, nos textos jornalísticos, consigo encaixar uma piadinha, lembro-me de Schulmeister e Candeias, que se digladiavam para ver quem era o mais engraçadinho. Com eles aprendi a importância do humor e da ironia.

Dias atrás vi meu avô, falecido há vinte anos. Foi na minha última visita à balança de uma farmácia. Quando percebi que o ponteiro batia na marca dos cem quilos, olhei para o céu e vi o velho, entre as nuvens, me dizendo:

— Mexa esse gordo traseiro de glutão, vá fazer qualquer coisa útil: enxugar gelo, desentortar bananas, encerar baratas.

FIM

Informações técnicas

TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Editora assistente

Carmen Lúcia Campos

Preparação de originais

Roberto Bezerra de Albuquerque

Suplemento de trabalho

Shirley Aparecida de Souza

Revisão

Sandra Brazil (Coord.)

Márcio Guimarães de Araújo

ARTE

Editor

Marcello Araújo

Editoração eletrônica

Antonio Ubirajara Domiencio

Ilustrações

Luiz Gê

ISBN 85 08 07089 6

Impressão e Acabamento

Lis Gráfica e Editora Ltda

2002